



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS

**ALGUMAS FACES DA PROTAGONISTA IFEMELU NO
ROMANCE *AMERICANAH*, DE CHIMAMANDA ADICHIE.**

JOSEANE DOS SANTOS COSTA

CAMPINA GRANDE - PB
2017

JOSEANE DOS SANTOS COSTA

**ALGUMAS FACES DA PROTAGONISTA IFEMELU NO
ROMANCE *AMERICANAH*, DE CHIMAMANDA ADICHIE**

Monografia de conclusão de curso apresentada
ao curso de Letras - Língua Portuguesa, da
Universidade Federal de Campina Grande,
como requisito parcial à conclusão de curso.

Orientadora: Prof^a. Dr^a Josilene Pinheiro-
Mariz.

CAMPINA GRANDE - PB

2017

JOSEANE DOS SANTOS COSTA

**ALGUMAS FACES DA PROTAGONISTA IFEMELU NO ROMANCE
AMERICANAH, DE CHIMAMANDA ADICHIE.**

Monografia de conclusão de curso apresentada ao curso de Letras – Língua Portuguesa da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial à conclusão do curso.

Aprovada em:/...../.....

Banca Examinadora:

Prof^a. Dr^a. Josilene Pinheiro-Mariz - Orientadora
Universidade Federal de Campina Grande

Prof^a. Msc. Paloma Oliveira
Universidade Federal de Campina Grande

Prof^a. Prof^a. Msc. Aluska Silva Carvalho
Universidade Federal de Campina Grande

CAMPINA GRANDE - PB

2017

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL DA UFCG

C837a Costa, Joseane dos Santos.
Algumas faces da protagonista Ifemelu no romance *Americanah*, de Chimamanda Adichie / Joseane dos Santos Costa. – Campina Grande, 2017.
53 f. : il. color.

Monografia (Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2017.
"Orientação: Profa. Dra. Josilene Pinheiro-Mariz".
Referências.

1. Sociedade - Preconceitos. 2. Literatura Africana - Reflexão. 3. Cultura Africana. I. Pinheiro-Mariz, Josilene. II. Título.

CDU 82-31(6)(043)

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, á meus pais, seres humanos exemplares que sempre me incentivaram a estudar, mesmo diante de tantas adversidades, eles que comemoraram comigo a alegria de ser a primeira pessoa de nossa família a entrar em uma universidade, que me ensinaram a trafegar pelos caminhos do bem.

Dedico esse trabalho também a toda a minha família, minha avó Luiza (em memória), que se tornou estrela há muitos anos, mas me apresentou ao verdadeiro significado de carinho, amor, bondade e dedicação. E por fim, dedico a todos que de alguma forma contribuíram para a minha aprendizagem, que acreditaram e continuam acreditando em mim.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer acima de tudo a Deus;

À Professora Josilene Pinheiro-Mariz pela benignidade e compreensão com que sempre me tratou, nos momentos em que mais precisei. Exemplo de profissional, admirável e competente.

À toda a minha família, em especial a minha mãe Íris pelo exemplo de amor, dedicação e dignidade, mulher lutadora que nunca desistiu de ir em busca do que acredita.

Agradeço ao meu eterno professor José das Vitórias dos Santos, por todo o apoio e incentivo que me deu ao longo desses anos, principalmente por me abrir as portas da Escola Municipal de Ensino Fundamental Felipe Rodrigues de Lima e pela forma acolhedora com que me recebeu durante o tempo que estive por lá, assim como agradeço a todos os alunos, ex-alunos e colegas professores da Escola Estadual Prefeito Severino Pereira Gomes. Com vocês, aprendi e continuo aprendendo lições valorosas.

Gostaria de agradecer a minha querida professora Maria Angélica, pela sua humanidade, foi através de suas aulas que me encantei ainda mais pela cultura negra e fui apresentada à Chimamanda. Gostaria de agradecer a família que a UFCG me apresentou, ou melhor, presenteou, pois eu cheguei aqui como filha única e sairei com muitas irmãs e um irmão.

Agradeço a todos os meus amigos, que compreenderam que a vida também é feita de renúncias, por isso, não pude comparecer aos muitos encontros com eles, ou até mesmo visitá-los com frequência em suas casas.

A todos vocês, minha gratidão.

Me gritaram negra

*Tinha sete anos,
Apenas sete anos,
Que sete anos!
Não chegavam nem a cinco!
De repente vozes na rua
me gritaram negra!
Negra! Negra! Negra! Negra!
“Por acaso sou negra? -me disse
Sim!
Que coisa é ser negra?
Negra!
Eu não sabia a triste verdade que aquilo escondia.
Negra!
E me senti negra,
Negra!
Como eles diziam (...)*

Victória Santa Cruz (1922-2014)

RESUMO

Em nossa sociedade, mesmo após tantas conquistas, os discursos que são reproduzidos acerca da literatura africana ainda são marcados por estereótipos. Parece ainda haver certa insistência em se negar a importância histórico-social da cultura africana em todo o mundo, inclusive no Brasil. Fato que culmina na disseminação de preconceitos acerca da história dos negros em nosso país, além de se repassar também uma única visão do continente africano como um espaço no qual só há miséria, doenças e animais selvagens, desconsiderando-se toda a riqueza que existe nos países que o constituem. A literatura africana na contemporaneidade permite que os escritores produzam textos livres de manipulações, mostrando assim as injustiças sociais que o cercam; mas, mostram principalmente, que a África continua sendo um continente esquecido por muitos e cercado por um pensamento segregacionista. Nesse sentido, o presente trabalho busca promover uma reflexão acerca da literatura africana como instrumento que pode auxiliar na construção da identidade de jovens negros. Dessa forma, à luz dos estudos de Candido (2000), Brait (1995), Bauman (2005) e Hall (2006), refletiremos sobre as faces da protagonista *Ifemelu*, no romance *Americanah* (2014), da escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie. Por esse viés, o presente trabalho caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica e qualitativa e está dividido em três capítulos. No primeiro, apresentamos o aporte teórico para uma posterior leitura da protagonista do romance. Na sequência, buscamos situar a escritora na atualidade, destacando-se o seu papel na literatura afro-americana, além de se fazer sobressair também a própria literatura africana na contemporaneidade, resgatando-se o histórico acerca da literatura nigeriana no âmbito da literatura pós-colonial. O terceiro traz uma necessária discussão sobre as faces da personagem protagonista do romance analisado. As reflexões realizadas sinalizam importantes contribuições para pesquisas futuras, pois é evidente o silenciamento da voz feminina em diversos espaços, tais como: política, economia, comando de ações, sobretudo se as mulheres em questão forem negras.

Palavras-chave: Sociedade; Preconceitos; Reflexão; Literatura Africana; Identidade.

ABSTRACT

In our society, despite of many achievements, the discourse on African literature is still characterized by stereotypes. It seems that there is a certain attachment to ignore the importance of the historical, social context related to the African culture around the world, including Brazil. This fact results in the dissemination of prejudice concerning the history of the negroes in our country, in addition to show an overview on the African continent as a place in which the poverty, the disease and wild animals prevails, what makes to disregard all of the richness of its countries. The contemporary African literature allows the writers to produce their proper text contents in order to report the social injustices that surround them; but they report, in fact, that Africa continues to be an undervalued continent for several people, besides sharing a segregationist feeling. From this perspective, this study seeks to provide a reflection on the African literature as a tool that can help with the development of the young negroes identity. This way, from the studies of Candido (2000), Brait (1995), Bauman (2005) and Hall (2006) we will reflect on the complexity of Ifemelu, the protagonist of the novel *Americanah* (2014), by the Nigerian writer Chimamanda Ngozi Adichie. In this line, this current study is characterized by a bibliographic, qualitative research that is divided in three chapters. In the first one, it is presented a theoretical background for a subsequent interpretation of the protagonist on the novel. Then, it is sought to situate the writer in the present time, so that the role of the Afro-American literature can be highlighted, in order to enhance the proper African literature in the contemporary time, by ensuring the historical on the Nigerian literature in the post- colonial literature field. The last chapter involves an essential discussion about the complexity of the principal character on the novel analyzed. The viewpoints achieved reveal important contributions to further studies, because it is clear the lack of female speech in several fields, such as: politics, economy, order commands, especially when these women are negroes ones.

Keywords: Society; Prejudice; Reflection; African Literature; Identity.

RÉSUMÉ

Dans notre société, même après tant de conquêtes, les discours reproduits à propos de la littérature africaine sont encore marqués par les stéréotypes. Il semble encore exister une certaine insistance sur le refus de l'importance socio-historique de la culture africaine dans le monde entier, notamment au Brésil. Fait qui culmine dans la diffusion des préjugés sur l'histoire des noirs dans notre pays, en propageant aussi un seul point de vue sur le continent africain comme un espace dans lequel il n'y a que la pauvreté, les maladies et les animaux sauvages, ne tenant pas compte toute la richesse qui existe dans tous les pays qui le composent. Dans la contemporanéité, la littérature africaine permet que les écrivains produisent des textes libres de manipulations, montrant ainsi les injustices sociales qui l'entourent ; mais, surtout, montrent que l'Afrique reste un continent oublié par beaucoup de gens et entouré d'une pensée ségrégationniste. En ce sens, ce travail vise à promouvoir une réflexion sur la littérature africaine comme un instrument qui peut aider la construction de l'identité des jeunes hommes noirs. Ainsi, à la lumière des études de Candido (2000), Brait (1995), Bauman (2005) et Hall (2006), nous réfléchissons sur les visages de la protagoniste *Ifemelu* dans le roman *Americanah* (2014), de l'écrivaine nigériane Chimamanda Ngozi Adichie. Par ce biais, ce travail se caractérise comme une recherche bibliographique et qualitative, divisée en trois chapitres. Dans le premier, nous présentons la contribution théorique à une postérieure lecture de la protagoniste du roman. Après, nous situons l'écrivaine dans l'actualité, en mettant en relief son rôle dans la littérature afro-américaine, en plus de faire ressortir également la propre littérature africaine dans la contemporanéité et l'historique de la littérature nigériane dans le contexte de la littérature postcoloniale. Le troisième chapitre apporte un débat nécessaire sur les visages du personnage protagoniste du roman analysé. Les réflexions réalisées ont apporté des contributions pour des recherches futures, car il est évident le silence de la voix féminine en plusieurs espaces, tels comme : la politique, l'économie, le contrôle d'actions, surtout si les femmes en question seraient noires.

Mots-clés : Société ; Préjugés ; Réflexion ; Littérature Africaine ; Identité.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO -----	12
1. ADICHIE NO CONTEXTO DA LITERATURA AFRO-AMERICANA -----	16
1.1 A literatura Nigeriana no âmbito pós-colonial -----	18
1.2 Adichie no contexto da literatura nigeriana e afro-americana -----	21
2. O FENÔMENO DA CONSTRUÇÃO DAS PERSONAGENS DE FICÇÃO NO ROMANCE, NO CONTEXTO DA CONTEMPORANEIDADE -----	25
3. UMA PERSONAGEM MULTIFACETADA -----	32
3.1- Ifemelu filha -----	36
3.2 Ifemelu mulher e amante -----	39
3.3- Ifemelu, a negra afro-americana ou africana -----	45
CONCLUSÃO -----	51
REFERÊNCIAS -----	54

INTRODUÇÃO

A literatura Africana pode ser trabalhada como instrumento de reflexão e de resgate de valores humanos, podendo diminuir as forças impostas por estereótipos e estigmas sociais que permeiam a sociedade. Esta pesquisa tem como um de seus principais objetivos promover uma discussão acerca da importância do estudo da literatura africana, ressaltando como ela tem um importante papel na construção da identidade de jovens negros, que mesmo vivendo em um país como o Brasil, conhecido por suas "misturas de raças", têm que conviver diariamente com o preconceito revelado das mais diversas formas, em lugares distintos e quase sempre pouco sutis.

Esta pesquisa também pretende refletir sobre a importância de conhecermos a cultura africana, pois por intermédio dela, é possível começar a desmistificar a ideia de que os afrodescendentes trazem no sangue uma história de fracassos, sofrimentos e guerras que perduram até hoje, quando na realidade, a África é um continente imenso e rico nos mais variados aspectos, principalmente os culturais. Tal fato está muito presente na História e também na literatura de oriunda de países africanos.

Em se tratando da literatura, na contemporaneidade, tem-se visto a florescência da ficção africana em diversas línguas, pois aquele continente é o mais rico em diversidade linguística, logo, em diversidade cultural também. Não são raros os escritores originários da África, cujo renome tem alcançado fronteiras transcontinentais, como é o caso do congolês francófono Alain Mabanckou ou do moçambicano lusófono Mia Couto ou dos sul-africanos J. M. Coetzee e Nadine Gordimer. Ambos, -tanto ele, quanto ela-, são autores premiados com Nobel de literatura e com o Prêmio *Booker*, importante prêmio da literatura de língua inglesa. Também na língua inglesa, não se pode deixar de se fazer referência ao nigeriano Wole Soyinka que também já foi laureado com o Nobel de Literatura (1986).

Mas, a literatura africana de língua inglesa tem, hoje, em Chimamanda Ngozi Adichie, seu principal expoente. A produção literária dessa escritora despertou-me um interesse singular, porque além de ela ser africana, negra e feminista, ela tem uma facilidade muito grande em envolver o leitor em sua narrativa, ao mesmo tempo em que deixa evidente que o preconceito, de qualquer natureza, nasce e se propaga a partir do momento em que o percebemos como algo natural. Essa afirmação pode ser facilmente confirmada na conferência *O perigo de uma única*

*história*¹ (2009), na qual a escritora põe cheque as nossas imagens representadas e construídas, ao longo da História, sobre a África, em. Em outra conferência, *Sejamos todos feministas*, (2014) não é diferente, Adichie ressalta o lugar da mulher na sociedade africana; mas, a ênfase de sua reflexão nos remete a nós mesmos, brasileiros. É necessário observar que, por vezes, as duas realidades são muito semelhantes. Não há como negar.

Assim, ao pesquisar sobre literatura africana e encontrar alguns trabalhos, percebi que parece ainda não existirem, no Brasil, sólidos grupos de pesquisa sobre Adichie e suas produções literárias, o que alimentou a minha decisão de direcionar esta investigação a partir de uma de suas obras, e a escolhida foi o romance *Americanah* (2014).

Nesse sentido, esta pesquisa traz uma discussão acerca da literatura africana, buscando mostrar representações positivas da vida e da história étnico racial dos negros. Ressalto que utilizo o termo “negro”, de forma despretensiosa, percebendo a necessidade de ressignificar essa palavra e retirar-lhe a carga negativa. Todavia, essas desconstruções de estereótipos não acontecem rapidamente, demandam tempo, afinal foram séculos de abusos, menosprezando os direitos da população negra e legitimando as violências através do regime escravocrata.

A tradição histórica nos mostra que os negros foram injustiçados desde o momento de sua chegada, de forma arbitrária ao Brasil. Sofreram todos os tipos de violência e tiveram que trabalhar em regime de escravidão para beneficiar a burguesia da época, levando o Brasil a lugares de prestígio internacional como produtor de cana de açúcar, por exemplo. No que se refere às mulheres negras, nem todas eram destinadas aos trabalhos braçais, algumas despertaram o interesse sexual dos senhores que as compravam, escolhendo-as para ocupar o lugar de amantes, mesmo para aqueles que tinham uma esposa branca. No que diz respeito a tal fato, mesmo essas mulheres não tendo a possibilidade de escolha lhes foram atribuídas por parte da sociedade, os papéis de imorais, libertinas dentre tantos outros nomes com sentidos pejorativos. Essa marginalização da mulher negra continua impregnada em alguns setores da sociedade até hoje.

Mesmo considerando esse histórico e passado mais de um século após a abolição da escravatura, as questões étnico-raciais começaram, de fato, a serem difundidas nas últimas décadas, mas, por certo, ainda não são suficientes para apagar séculos de exclusão e preconceito. Por esta razão, profissionais de diversas áreas buscam discutir questões concernentes ao tema, com o intuito de minimizar a imensa distorção social que se faz tão presente nas sociedades contemporâneas. No nosso campo de atuação, o ensino de língua e da

¹ Conferência proferida no âmbito do TED> <https://www.youtube.com/watch?v=wQk17RPuhW8>. Acesso em 19. Fev. 2017

literatura, discutir essa questão é também uma necessidade por atender à lei 10.639/03 que propõe diretrizes para valorizar o ensino da cultura africana e afro-brasileira no ensino básico, enquanto instrumento contra a discriminação e o preconceito racial.

O interesse por essa temática me foi despertado ainda durante a minha infância e adolescência, quando alguns colegas, principalmente as meninas diziam se envergonhar de serem negras e afirmavam que se tivessem oportunidade escolheriam ter nascido brancas. Tais experiências, aliadas à leitura de contos e romances que tratavam de questões de identidade cultural, bem como de aspectos da tradição histórico-cultural dos negros no Brasil, avivaram-me o interesse de estudar um pouco mais profundamente a temática em questão.

Assim, continuando as leituras que tocavam nesse tema, deparei-me com uma jovem escritora nigeriana, que além de abordar o tema do “perigo da história única”, traz no romance *Americanah* (2014) uma intensa discussão sobre questões raciais em situação de diáspora (HALL, 2006). Decidi, portanto, analisar. Algumas faces da protagonista Ifemelu no romance *Americanah*, de Chimamanda Adichie. Incitada pelo ensejo de compreender um pouco mais sobre essa jovem mulher africana, que vive nos Estados Unidos (situação de diáspora) e identificar as múltiplas faces da personagem central desse romance contemporâneo. Tal análise se faz necessária posto que, sendo a heroína e protagonista do romance, por vezes Ifemelu é também sua própria antagonista, situação que demanda uma análise mais atenta, que pode permitir identificar os porquês desse comportamento.

Para desenvolver esta pesquisa, dividimos as reflexões em três capítulos. O primeiro deles abordará conceitos teóricos acerca da personagem no referido romance discutindo-o à luz da teoria de Candido (2000) e Brait (1995). O segundo aludirá à fortuna crítica da escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie e à importância de sua escrita na literatura africana contemporânea. O terceiro busca identificar e discutir as múltiplas faces da personagem Ifemelu, levando-se em consideração que ela é uma mulher forte, corajosa e que possui características que a diferem de outras mulheres de sua geração e círculos de amizades.

Esta pesquisa tem caráter de pesquisa bibliográfica, pois será executada a partir de dados bibliográficos, que foram coletados por intermédio de leituras de pesquisadores e estudiosos de literatura contemporânea e de críticos literários. Além de estudar as múltiplas faces da protagonista do romance *Americanah*, este trabalho também tem por intento mostrar a importância da literatura enquanto instrumento de humanização, no seu sentido mais amplo. Temos ainda como propósito chamar a atenção para o perigo de se ter uma visão maniqueísta do mundo, pois de um modo geral, estamos acostumados aos rótulos, bem como à ideia de que no mundo existem dois tipos de pessoas as "boas" e "más" esquecemos assim, que as falhas nos

tornam realmente "humanos".

Diante de tudo que foi mencionado, este trabalho busca promover uma reflexão acerca da importância do estudo da literatura africana, podendo esta ser considerada um importante instrumento na construção da identidade de jovens negros.

Mediante a necessidade de valorizar as influências histórico-culturais do continente Africano em relação ao nosso país, bem como ajudar a diminuir o preconceito racial que está arraigado em nossa sociedade, recorreremos à literatura africana, a fim de que ela seja percebida como instrumento de resgate de valores humanos, que diminui a força dos estereótipos e denuncia as injustiças sociais. Para tanto, buscamos delinear essa pesquisa de uma forma que seja reconhecida a importância da literatura africana como parte da nossa identidade cultural.

O Brasil defende que é um país miscigenado e, por isso, constantemente as raízes do racismo são negadas. A sociedade brasileira não admite que continua excluindo os negros e fazendo-os vítimas de estereótipos e estigmas. Mas sabemos que em nosso país, o negro vive a ditadura do "branqueamento", em que a burguesia controla os aspectos políticos, econômicos e sociais, restando ao negro por vezes, ceder e desenvolver um processo de auto rejeição a suas origens, iniciando um processo de construção de identidade branca.

A partir dessa premissa compreendemos a importância de que sejam discutidos os processos de construção de identidade, principalmente no âmbito escolar, que como ambiente democrático e propício para promover práticas sociais que é, deve sempre mostrar aversão a práticas que influenciem a disseminação de estereótipos e estigmas. Sabemos que existe a lei 10.639/03 que torna obrigatório o ensino da cultura africana e afrobrasileira e que se fosse de fato efetivado, seria crucial para romper com a visão escravocrata e abolicionista que ainda se tem no Brasil, surgiria assim, uma construção afirmativa da identidade cultural.

Para a realização desta pesquisa, fizemos uma pesquisa bibliográfica acerca do tema em estudo. A revisão bibliográfica em questão deu-se a partir de um levantamento histórico sobre a temática estudada. Desta forma, o presente trabalho é de caráter qualitativo, já que por meio desta pesquisa, analisamos, interpretamos e discutimos o romance *Americanah*, à luz de estudos de Brait (1995) e Candido (2000), ambos importantes estudiosos no levante a literatura. Está situada no paradigma das pesquisas qualitativas, pois, os métodos para a sua execução assemelham-se aos procedimentos de interpretação, que propõem que levemos em consideração o contexto social e cultural acerca dos dados que coletamos.

Este trabalho foi desenvolvido em etapas, das quais a primeira: refere-se às pesquisas bibliográficas, ou seja, ao estudo dos textos dos teóricos que o embasam, possibilitando assim, que adentrássemos ao mundo da literatura. Logo em seguida, apresentamos reflexões acerca

dos possíveis caminhos para uma construção da identidade negra, a partir da leitura do romance, da literatura africana, em estudo. Nessa seção, abordamos a representação dos personagens negros presentes em *Americanah*, levando em consideração os pressupostos teóricos apresentados, bem como as representações literárias e, a partir delas.

1. ADICHIE NO CONTEXTO DA LITERATURA AFRO-AMERICANA

Para as nossas reflexões, entendemos ser necessário expor o lugar da escritora nigeriana Chimanda Ngozi Adichie no âmbito da literatura pós-colonial e contemporânea. Pensar em literatura pós-colonial é pensar em uma literatura que reflete sofrimento, mas também resistência; e, portanto, os escritores inseridos na literatura pós-colonial e contemporânea, sobretudo, na África subsaariana são, na maioria das vezes, porta-vozes de toda uma sociedade que é vista pelo ocidente como sinônimo de miséria e tristeza.

Portanto, cabe-nos situar a literatura nigeriana no contexto da literatura Pós-colonial e nesse domínio, um dos principais nomes é de Chimanda Ngozi Adichie. Então, situamos, em linhas gerais, os mais conhecidos escritores nigerianos, colocando a referida escritora como um dos nomes mais expressivos da contemporaneidade.

Por certo, a literatura pode ser utilizada como instrumento de reflexão, assim como também pode ser sinônimo de denúncia e resistência, nesse sentido evidenciamos a importância dos escritores Wole Soyinka e Chinua Achebe como precursores na literatura nigeriana, pois serviram de exemplo para que as gerações seguintes percebessem que a história de seu país deveria ser conhecida pelo mundo, assim como o respeito as tradições culturais e étnicas, sendo importante ressaltar ainda que a Nigéria é berço de centenas de etnias, muitas delas dizimadas durante o processo de colonização.

Wole Soyinka é descendente da etnia ioruba uma das maiores do continente africano em termos populacionais e sempre fez questão de deixar claro seu respeito às tradições e a propriedade dos iorubás. Foi perseguido em seu próprio país durante a guerra civil, sendo inclusive preso por quase dois anos. Em 1972, foi para um exílio voluntário e nesse período escreveu quatro peças teatrais. O fato é que Wole Soyinka, ao longo de sua carreira mostrou em suas obras coragem para retratar a realidade do seu povo, assim como sua cultura.

Outra importante figura no cenário da escrita nigeriana é Chinua Achebe, escritor e poeta conhecido como o pai da literatura moderna africana. Achebe conquistou reconhecimento com o romance *Things fall apart*, [*O mundo se despedaça*]. O livro retrata a batalha fatal de seu grupo étnico igbo contra o colonialismo britânico, em 1800. Ele mostrou pela primeira vez a história do imperialismo europeu, e conseguiu alcançar audiência internacional. O escritor jamais se absteve de relatar em suas obras a devastação que a Nigéria e a África sofreram devido a uma série de golpes militares que ocasionou não somente regimes ditatoriais, mas também impulsionou o sofrimento e a miséria de milhares de pessoas em todo um continente. (ACHEBE, 2017)

Além de escritor, Chinua Achebe foi crítico e professor universitário, sua obra foi apreciada inclusive por Mandela, no período em que ele estava na prisão, tendo certa vez referindo-se a Achebe como um escritor: cuja companhia derrubava os muros da cadeia. Hoje, é possível inserir dentre um dos principais nomes da literatura nigeriana, a escritora Chimamanda Adichie, dado o impacto de sua produção literária, representando com muita seriedade a literatura nigeriana no mundo inteiro.

1.1- A literatura Nigeriana no âmbito pós-colonial

O processo de descolonização das nações africanas ocorre quando uma colônia consegue recuperar sua independência. Para tanto, geralmente, ocorre por um conflito entre as forças da colônia contra seus colonizadores, entrando em ação lutas armadas e, sobretudo, de cunho ideológico. Vários países do continente africano, dentre eles a Nigéria, foram extorquidos pelas potências europeias ao longo dos séculos. O primeiro processo de apropriação pelos europeus na Nigéria ocorreu com os portugueses, já que foram eles que deram início ao tráfico de escravos naquele país, porém quem de fato consolidou o domínio sobre o país foram os britânicos, estabelecendo protetorados nas metades norte e sul da Nigéria. Em 1914, é efetivada a junção dos dois protetorados, Colônia e Protetorado da Nigéria, sendo em algumas áreas estabelecida administração direta inglesa; e, em outras, os europeus são representados pelos monarcas africanos locais.

Historicamente, as grandes mudanças tiveram seu início no dia primeiro de outubro de 1960, data em que a Nigéria conquista sua independência. No entanto, o país continua sofrendo com a instabilidade política e com desentendimentos internos que atingem seu auge em 1967, quando três estados do Leste decidem se separar do país, formando a República de Biafra, iniciando um conflito com o governo em Lagos, culminando assim com uma guerra sangrenta, marcada pela grande violência de ambos os lados e que só teve fim três anos depois. As razões para os conflitos, por vezes têm por base divergências étnicas que ocorriam bem antes do processo de colonização, entretanto ao realizarem a partilha dos territórios, os colonizadores separaram os povos de mesma característica histórico-social e juntaram etnias rivais. Devido a tais fatos, as minorias continuaram sendo reprimidas por grupos étnicos majoritários, assim como acontecia no período colonial. Sobre esse fato histórico, Chimanda Ngozi Adichie apresenta *Meio sol amarelo* (2006), que resgata tais fatos contados na ótica de duas irmãs.

Uma nova nação está além de um território unificado, precisa de elementos culturais

que a legitimem, uma cultura nacional que mostre a sua importância e forneça imagens, símbolos e mitos em relação a história do país, desta forma a literatura pós-colonial ocupa um lugar de destaque na construção identitária e cultural das nações. Porém não é possível para o colonizado livrar-se das experiências vividas com a apropriação dos colonizadores, sejam elas boas ou más:

Jamais se pode esquecer que a descolonização é o processo oposicionista contra a dominação, “uma verdadeira criação de homens novos ... não se originando de algum poder sobrenatural, porque o objeto que foi colonizado torna-se pessoa durante o mesmo processo em que se liberta” (FANON, 1990 apud BONNICI, 1998, p.17,18.).

Os colonizados, antes subalternos ganham voz e produzem uma literatura livre, sem imposições e manipulações; por isso, nessa literatura, as mulheres antes marginalizadas, ocupam um lugar de destaque. Mesmo ainda sendo perseguidas por discursos segregacionistas, que insistem em propagar que gênero, classe e etnia devem continuar definindo o destino das mulheres na Nigéria.

Em mundo marcado por diferenças sociais, econômicas, filosóficas, a resiliência dos sujeitos está relacionada muitas vezes à capacidade de adaptarem-se às diferentes situações que lhes são impostas. Nesse sentido, o sujeito do mundo moderno é maleável, desenvolvendo habilidades de se ajustar às situações e contextos distintos, entrando em discussão, assim, o que Hall (2014) denomina identidade fragmentada. Segundo ele, seria o indivíduo composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias e não resolvidas.

Dessa forma percebemos que a identidade é uma construção que embora individual (ocorre dentro de nós), ela também leva em consideração o social, os valores e exigências do mundo externo: “A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é ‘preenchida’ a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros”. (HALL, 2014, p.39).

Nos Estados Unidos, a identidade do negro está diretamente ligada ao *One drop rule* [*Regra de uma gota única*], em que toda pessoa afrodescendente, mesmo que não apresentasse traços explícitos de negro, mas tivesse parentesco sanguíneo, era considerado negro também. A noção de raça é usada com perspicácia pelos grupos dominantes na (maioria das vezes pessoas brancas), como forma de dominação e imposição de mandamentos, que devem ser seguidos pela população marginalizada, por sua vez conferindo-lhe uma identidade diferenciada, mas também tida como inferior.

Essas discussões acerca das identidades estão presentes na literatura pós-colonial, pois os escritores de ex-colônias trazem em suas histórias memórias de pessoas que experimentaram

a deterioração de suas culturas ainda que de forma compulsória, mas possuem métodos para contar a sua história, é o que acontece com Adichie, em sua produção literária, em especial no romance *Americanah* (2014).

No citado romance, a Nigéria é representada como um país politicamente e economicamente instável, com um coração pulsante, que recebe o nome de Lagos, mas que não proporciona as oportunidades profissionais que a protagonista procura. Quando ela se desloca para um país norte americano, ela já não terá uma identidade fixa, passará por um processo de desintegração e outro de apropriação cultural:

Vocês agora estão nos Estados Unidos: não esperem comer alimentos quentes no almoço. Esse gosto africano deve ser abolido. Quando visitarem a casa de um americano que tenha algum dinheiro, eles vão se oferecer para mostrar a casa. Esqueçam, que na casa de vocês, seu pai ia ter um ataque se alguém se aproximasse do quarto. Todo mundo aqui sabe que lugar de visita é na sala e, quando absolutamente necessário, no banheiro. Mas por favor, vão atrás do americano e não deixem de dizer que adoraram tudo. E não fiquem chocados com a maneira indiscriminada como os casais americanos se tocam. (ADICHIE, 2014, p.153).

O sujeito pode assumir, assim, uma identidade híbrida, o que não faz necessariamente a perder a sua identidade nacional, ela só está se adaptando para que possa ser aceita em determinado espaço, o mundo globalizado exige isso dos indivíduos. Quando não somos apresentados a outras possibilidades, acabamos sendo condicionados a seguir um molde. A influência que os escritores nigerianos receberam da cultura britânica é inegável, no entanto, não deixaram de buscar meios de evidenciar as histórias de seu povo. A escritora Buchi Emecheta (2017), é um exemplo de dedicação e interesse no que diz respeito à utilização de suas obras como fonte de reflexão acerca das situações conflituosas envolvendo a Nigéria. (EMECHETA, 2017).

Mesmo ela tendo migrado para Londres ainda jovem, não se esqueceu das tradições culturais de seu povo, nem da forma ultrajante à qual muitas mulheres são condicionadas, naquele país. Nesse sentido, ela se posicionou entre os escritores que produziam uma literatura que não é dominada pelo medo de refletir sobre os problemas sociais que atravessam a África e, por esse viés, buscou refletir sobre a vida de mulheres africanas subjugadas a um sistema patriarcal, dominado por homens; ou seja, eles decidem o destino delas.

Helon Habila é também um importante escritor nigeriano. Ele estudou literatura *University of Jos* (UNIJOS), na Nigéria. Recebeu, posteriormente, alguns prêmios e, através de seus escritos faz profundas críticas ao colonialismo europeu que ainda se encontra presente nos

países africanos, inclusive, na Nigéria. Helon-Habila (2017) critica o poder que os órgãos internacionais têm sobre aquele país e defende que para se libertarem, de fato, têm que aprender a controlar sua própria história e deixar para trás as influências das potências coloniais, que insistem em se apropriar das riquezas naturais e continuam a explorar o povo africano (HELON-HABILA, 2017).

O escritor reflete as angústias do povo africano, que é marcado por conflitos políticos que como consequência dizimaram povos ao longo dos anos e que servem para manter a instabilidade dos países afetados, causando sérias injustiças sociais. Enquanto isso, as culturas africanas vão perdendo espaço para as tradições ocidentais e os governantes parecem não estar preocupados com tais fatos. Desta forma, a literatura produzida por Helon Habila (2017) busca incentivar as pessoas a observarem o que acontece com o continente africano com lentes límpidas. Ou seja, é necessário ter cuidado e observar o que acontece no continente africano, priorizando sempre que possível uma reeducação cultural, evitando-se apagamentos culturais.

1.2 Adichie no contexto da literatura nigeriana e afro-americana

A Nigéria está situada na África subsaariana. É o oitavo país mais populoso do mundo e possui uma notável lista de escritores reconhecidos mundialmente, escritores estes que expressam através de seus escritos grande teor de ativismo.

MAPA DO CONTINENTE AFRICANO



Os livros de autores africanos tentam tornar mais nítida os preceitos e preconceitos que circundam aquele continente. Mostram por vezes, sua cultura oral, as lendas, as lutas que o povo trava contra a guerra e a miséria. Mas traz principalmente uma reflexão acerca do lugar que o sujeito mulher ocupa na sociedade. Por mais bem sucedida que ela seja, ainda assim não é suficiente, a mulher tem que atender a certas perspectivas, tendo inclusive que se calar diante de situações de injustas.

Nesse contexto, insere-se a escritora Chimamanda Ngozi Adichie, filha de professor universitário e mãe secretária. Desde cedo, conheceu a luta da classe estudantil bem como de professores da universidade da Nigéria (Nsukka), para terem uma educação de qualidade em meio a uma guerra civil. (MALLET; ISAAC, 1994).

Aos dezenove anos, Adichie mudou-se para os Estados Unidos da América, trocando o curso de Medicina e Farmácia na universidade da Nigéria, pelo curso de Comunicação e Ciência Política na Drexel University, na Philadelphia. No ano de 2003, completou seu mestrado em Redação Literária na Universidade John Hopkings, e nesse mesmo ano teve o seu primeiro livro publicado, *Purple hibiscus [Hibisco Roxo]*. Continuou a estudar e em 2008 tornou-se mestre

em Estudos Africanos pela Universidade de Yale. (MALLET; ISAAC, 1994).

Adichie, além de ser uma aclamada escritora, é também famosa por seus discursos que desafiam e inspiram estudiosos e simpatizantes de movimentos africanos e em prol da negritude. A aptidão em abordar questões relacionadas a gênero, feminismo, preconceito e identidade, é ainda mais cativante para os leitores e ouvintes ao sabermos que a mesma pertence a etnia Igbo, uma das maiores da África, em que as mulheres são reconhecidas por sua militância. Historicamente, as mulheres Igbo desempenham um importante papel na sociedade, atuando na economia. No entanto, a questão biológica entre homem e mulher, continua situando o lugar que cada um deve ocupar e infelizmente o da mulher ainda é o de submissa.

Nesse sentido, Adichie faz parte de um grupo de escritores nigerianos que atuam no grupo de produção literária pós-colonial, que fazem questionamentos ideológicos e refletem o ponto de vista do colonizado e tentam mostrar que embora a África tenha sofrido e sofra com a colonização, ela parece ser, por vezes, um espaço de opressão das mulheres de sua terra, uma vez que dá mais voz ao masculino, silenciando o feminino.

Em seu romance mais recente, *Americanah* (2014), ela mostra que a hierarquia racial persiste nos Estados Unidos, a discriminação do negro ainda é uma realidade naquele país, assim como a racialização do crime, desta forma os cidadãos negros são identificados como elementos suspeitos, em um número muito superior em relação aos cidadãos brancos.

O racismo tem a ver com o poder de um grupo de pessoas, e nos Estados Unidos são os brancos que tem esse tipo de poder. Como? Bem, os brancos não são tratados como merda nos bairros afro-americanos de classe alta, não veem os bancos lhe recusarem empréstimos ou hipotecas precisamente por serem brancos, os júris negros não dão penas mais longas para criminosos brancos do que para os negros que cometeram o mesmo crime, os policiais negros não param os brancos apenas por estarem dirigindo um carro. (ADICHIE, 2014, p.354)

Adichie nos mostra ainda que a literatura que, para muitos, é a definição de belas letras, prova a cada dia que é muito mais que isso. No romance *Americanah*, por exemplo, a personagem protagonista leva o leitor a perceber o quanto as discussões de cunho racial são atuais, bem como de gênero, deixando-nos claro que as mesmas não devem ser tratadas secundariamente. A mulher, infelizmente, ainda é percebida como aquela que tem que ser conquistada devido a sua “fragilidade”, em algumas vezes, sendo vista também como um bem material para ser exibido para a sociedade. Ressalte-se que tais fatos fortalecem o papel do homem como ser dominante, em relação à mulher. O preconceito racial tão evidenciado na obra não envolve apenas questões econômicas, mas restrições que são dirigidas aos negros e à “liberdade” que ainda lhes é negada após anos de submissão.

Em qualquer lugar do mundo, as pessoas adeptas ao racismo costumam menosprezar a população negra, pois para eles, os negros são subalternos, sobretudo quando desprovidos de bens materiais ou quando não ocupam uma posição social equivalente à de uma minoria branca dominante. Assim, passam a ser chamados de marginais, recaindo sobre eles a culpa de quase todos os tipos de crimes hediondos, com ou sem provas. Essa é uma realidade em muitos países em todo o mundo e inclusive nos Estados Unidos da América.

Através das obras literárias provenientes de autores africanos, a "Mãe África" deixa de ser percebida apenas como uma paisagem que apenas comporta cenas de horror. Os protagonistas dessas paisagens são pessoas que têm problemas, alegrias, tristezas, ricos e pobres. Trata-se, pois, de uma literatura contemporânea caracterizada por mostrar algumas vezes a exploração do homem pelo homem, sejam elas brancos ou negros, mas mostrando também a busca das mulheres por sua independência.

A literatura africana passa a ser mais conhecida mundialmente nas últimas décadas despertando o interesse dos mais diversos grupos sociais, tendo em vista que muitos acreditam que por meio dessas obras a África repassa a sua mensagem ao mundo. Os escritores africanos, em sua maioria, se erguem contra o modismo europeu e buscam enfatizar a suas culturas e preservar as suas raízes através de seus escritos.

Sabemos ainda que toda mudança causa estranheza e, conseqüentemente, dificuldades de aceitação, gerando instabilidades, tendo em vista que as pessoas estão acostumadas às ideias pregadas por um grupo maior, dominante. No que diz respeito a tais mudanças, no cenário literário não é diferente, por exemplo, em alguns lugares ainda persiste a concepção de escrita que tratem de temáticas mais simples, heróis brancos, que resolvem os problemas de uma nação conquistada (através do processo de colonização europeu). Enquanto isso, a literatura africana mostra a voz e o pensamento das classes menos favorecidas (colonizados), causando inquietação em algumas pessoas, ressaltando que “a descolonização sempre é um fenômeno violento”. (FANON, 1990 apud BONNICI, 1998, p.14).

Mesmo diante do incômodo de alguns, os escritores africanos têm conseguido fazer com que suas obras repercutam em todo o mundo, abordando desde a beleza de sua terra, aos conflitos étnicos e políticos, natureza exuberante, mazelas sociais e, muito especialmente, a força de um povo que resiste há muito tempo aos sofrimentos que lhes são impostos pelas mais diversas nações em todo o planeta.

2. O FENÔMENO DA CONSTRUÇÃO DAS PERSONAGENS DE FICÇÃO NO ROMANCE, NO CONTEXTO DA CONTEMPORANEIDADE

Em constante evolução, desde seu surgimento, a literatura tem passado por diversas transformações tanto no domínio da estilística de seus autores, quanto no das temáticas mais recorrentes e, até mesmo, em relação ao público para qual a obra é destinada. Se considerarmos ao longo da História, no período medieval, as obras literárias tinham como público-alvo as classes privilegiadas, pois até então, poucas pessoas eram alfabetizadas e os livros eram raros e tinham um elevado custo. A leitura de obras literárias tem outro alcance, por isso, é estimulada nas instituições de ensino, sejam elas de nível básico ou superior. A literatura também é vista, em alguns desses espaços, como instrumento de transformação, capaz de incentivar e transformar pessoas.

Partindo dessas considerações, entendemos que a obra literária se apresenta como um elemento imprescindível para que se estabeleçam determinadas reflexões a partir de conceitos teóricos que são determinantes para analisar o objeto proposto, conforme sinaliza Brait (2000, p.69), ao afirmar que: “O texto literário é concebido como o espaço em que por meio de palavras, o autor vai erigindo os seres que compõem o universo da ficção”.

Nesse sentido, o universo da obra ficcional vai se delineando através das palavras, surgindo, assim, outros elementos que encorpam o texto literário, tais como: enredo, foco narrativo, tempo, espaço, ação e personagem, e para que possamos, de fato, depreender o sentido desses textos, todos esses elementos devem estar em sintonia. Sendo assim, o texto literário só cumpre o seu papel, quando nos possibilita refletir e construir um significado a partir de uma leitura.

Por certo, uma história bem contada pode provocar distintos arrebatamentos no leitor, muito provavelmente, por essa razão, ao longo do tempo foram surgindo várias discussões sobre os diferentes tipos de narrativa, assim como foram se aperfeiçoando diferentes formas de narrar:

No decorrer da HISTÓRIA, porém, as HISTÓRIAS narradas pelos homens foram-se complicando, e o NARRADOR foi mesmo progressivamente se ocultando, ou atrás de outros narradores, ou atrás dos fatos narrados, que parecem cada vez mais, com o desenvolvimento do romance, narrarem-se a si próprios; ou, mais recentemente, atrás de uma voz que nos fala, velando e desvelando, ao mesmo tempo, narrador e **PERSONAGEM**, numa fusão que, se os apresenta diretamente ao leitor, também os distancia, enquanto os dilui. (LEITE, 2002, p.6 maiúsculas e negrito da autora)

Dentre esses tipos de narradores, está a concepção de Narrador onisciente, disseminada entre os estudiosos das teorias literárias, que ao discutirem a função do foco narrativo nos

romances, defendem ou se contrapõem às ideias de que o narrar não é uma atividade isenta de ser permeada por experiências vivenciadas pelo autor/narrador. Dessa forma, no romance, ficção e realidade podem se misturar no processo de construção da narrativa, como defende Leite (2002, p.7): “Quem narra, narra o que viu, o que viveu, o que testemunhou, mas também o que imaginou, o que sonhou, o que desejou. Por isso, NARRAÇÃO e FICÇÃO praticamente nascem juntas”.

No âmbito da literatura, todos os elementos literários são de elevada importância para o estudo dos textos; mas, a personagem, quando consegue cativar os leitores, conseqüentemente, é capaz de fazer com que eles sejam capazes de aceitar quaisquer possíveis deslizes no enredo da história, por isso, “Não espanta, portanto, que a personagem pareça o que há de mais **vivo** no romance, e que a leitura deste dependa basicamente da aceitação da **verdade** da personagem por parte do leitor. (CANDIDO, 2000, p. 40, 41; negrito do autor).

Assim sendo, a aceitação da personagem está intimamente ligada à identificação e projeção desta, na realidade do leitor, pois quando a ficção se aproxima de fatos que ocorrem em nosso cotidiano, surge uma identificação, um deslumbre e, a partir daí, são-nos instigados outros sentimentos: compaixão, raiva, revolta, fazendo com que o leitor se envolva verdadeiramente com o/a protagonista do romance. É importante salientar que o sucesso da personagem se deve também à construção do enredo. Nesse ponto entra a astúcia do escritor, ao escolher o contexto social que vai inserir sua personagem (CANDIDO, 2000).

Levamos em consideração também que nessa relação texto literário/personagem/leitor/autor/narrador somos frutos de uma sociedade marcada por estereótipos, dentre os quais, ainda persiste, por exemplo, a visão de que a mulher sempre está à procura de um príncipe encantado para viver o seu: “felizes para sempre”, ou então, que “as mulheres loiras de olhos azuis” com traços delicados são sempre as “boazinhas” como nos contos de fadas. Nesse sentido, a literatura Africana se contrapõe a essa visão restrita e nos apresenta personagens negros e negras, brancos e brancas, que nos surpreendem por sua força e/ou fragilidade, assim como a abundância econômica ou pobreza, por possuírem também defeitos e qualidades como qualquer ser humano. Esse pode ser um retrato da África continental, diversa, pluri e multicultural, uma vez que é berço de inúmeras culturas.

Sob a nossa ótica, a literatura africana tem, por certo, um intenso poder de arrebatamento, visto que as personagens dos romances, geralmente, guardam certa complexidade e/ou mistério, resultando em uma compreensão menos linear, afastando-se daquele formato de personagens de costume, que segundo Candido (2000, p.61) “são apresentadas por meio de traços distintivos fortemente escolhidos e marcados e podem ser

facilmente compreendidas por um observador superficial”.

Ao refletirmos sobre as personagens de costume (caricatos), dentro dos romances, mais uma vez, direcionamo-nos à questão dos estereótipos, -que dizem respeito aos papéis raciais, sociais, profissionais e sexuais-, nos quais os setores menos privilegiados socialmente detêm os papéis secundários; assim, eles são representados como mal-educados, espalhafatosos e malsucedidos, ou em condição de subserviência, induzindo assim, o leitor a adotar uma visão preconceituosa em relação a eles. Esses personagens de costume se apresentam, frequentemente, nas obras literárias como em novelas, contos e não somente nos romances. A partir desta constatação, pode-se afirmar que se trata de um fato que contribui bastante para a assimilação de que tal representação seja uma aproximação da verdade; ou seja, sob esse prisma, se não tomarmos cuidado, ao analisarmos o texto literário, pode-se deixar de lê-lo como objeto de reflexão, tornando-o em um instrumento de reforço de estigmas e posturas de intolerância e de preconceito.

A personagem do romance em estudo, a protagonista Ifemelu é, de fato, um dos pontos mais expressivos do romance *Americanah*, pois dentre muitos outros elementos, a partir dela percebemos o quanto as identidades dos sujeitos não são fixas, caracterizando-se, dessa forma, fruto da contemporaneidade. Observa-se, pelo contrário, que são transitórias, maleáveis, o que é necessário para a adequação da personagem a este mundo moderno no qual está situada e que por mais que ela queira “blindar-se”, não é possível sair ileso diante dos costumes que permeiam determinado lugar, quando se está inserido em uma comunidade ou contexto social, conforme se pode observar no excerto a seguir:

Ifemelu ansiava por compreender tudo sobre os Estados Unidos, por imediatamente ficar por dentro das coisas: torcer por um time no Super Bowl, entender o que era um Twinkie e o que significava um lockout na temporada esportiva, medir tudo em onças e pés quadrados, pedir um muffin e dizer: “eu me dei bem” sem se sentir boba. (ADICHIE, 2012, p. 148)

A condição da personagem parece ser a de uma pessoa sem pátria, sem pertencimento, portanto, uma estrangeira que tem sua identidade oprimida, de algum modo, devendo se adequar aos moldes comportamentais que a cercam, para que assim possa ser aceita ou, ao menos, consiga passar despercebida e não ser repelida, posto ser mulher pobre e sem muitas possibilidades de se rebelar contra o que lhe é imposto.

Nesse sentido, recorreremos às reflexões de Bauman (2005) sobre as identidades, considerando-se que existem dois polos diferenciadores: o primeiro, volta-se para aqueles indivíduos que têm poder de escolha; logo, na maioria das vezes, podem conviver com qualquer

cultura, porém, não serão forçados a assimilar nenhuma delas. Enquanto, no outro polo, estão situadas as pessoas que não têm outra opção senão conviver com as imposições culturais que as rodeiam.

Num dos polos da hierarquia global emergente estão aqueles que constituem e articulam as suas identidades mais ou menos à própria vontade, escolhendo-as no leque de ofertas extraordinariamente amplo, de abrangência planetária. No outro polo se abarrotam aqueles que tiveram o acesso à escolha da identidade, que não têm o direito de manifestar as suas preferências e que no final se veem oprimidos por identidades aplicadas e impostas por outras-identidades que eles próprios se ressentem, mas não têm permissão de abandonar nem das quais conseguem se livrar. (BAUMAN, 2005, p. 44)

Se considerarmos essa visão, (CÂNDIDO, 2000, p.51): “A personagem vive o enredo e as ideias e os torna vivos”, entretanto, por mais que as situações ocorridas durante o desenrolar dos enredos, nos romances, se aproximem do que acontece de fato no mundo real, os personagens que ali estão permanecerão com os mesmos traços, por mais que surjam diferentes interpretações em relação a eles:

Na vida, estabelecemos uma interpretação de cada pessoa, a fim de podermos conferir certa unidade à sua diversificação essencial, à sucessão dos seus modos-de-ser. No romance, o escritor estabelece algo mais coeso, menos variável, que é a lógica da personagem. A nossa interpretação dos seres vivos é mais fluida, variando de acordo com o tempo ou as condições da conduta. No romance, podemos variar relativamente a nossa interpretação da personagem; mas o escritor lhe deu, desde logo, uma linha de coerência fixada para sempre, delimitando a curva da sua existência e a natureza do seu modo-de-ser. (CANDIDO, 2000.p. 43)

Pontuamos ainda que por mais os personagens sejam difíceis de ser compreendidos, (sobretudo os dos romances modernos), poder-se-ia dizer que suas identidades são fixas, pois não terão oportunidade de mudar, senão por decisão dos autores, enquanto os seres humanos do mundo real constroem e desconstroem suas próprias personalidades.

Entre os estímulos que fizeram Adichie escrever uma obra provocante, com personagens que vivem adversidades que, por vezes, contrastam-se das nossas enquanto leitores, talvez fosse justamente provocar esse efeito de verossimilhança, em que a ficção imita o real e, através de personagens, os problemas da sociedade são abordados : “São as personagens (e o mundo fictício da cena) que ‘absorveram’ as palavras do texto e passa a constituí-las, tornando-se a fonte delas - exatamente como ocorre na realidade”. (CANDIDO, 2000, p.21).

Sabe-se também que há obras ficcionais com enredos enfadonhos, que não surpreendem os leitores, ou seja, não provocam estranhamento algum, que não provocam reações no leitor, apresentando personagens clichês que não cativam, tampouco aguçam a curiosidade de quem está lendo a obra:

Sem dúvida, há ficção de baixo nível estético, de grande pobreza imaginativa (clichês), com personagens sem vida e situações sem significado profundo, tudo isso relacionado com a inexpressividade completa dos contextos verbais (que por vezes, contudo, são afetados e pretensiosos, sem economia e sem função no todo, sem que à sua exagerada riqueza corresponda qualquer coisa na camada imaginária e nos planos mais profundos). (CANDIDO, 2000, p.28).

Certamente, o romance *Americanah* (2014) se afasta dessa concepção de obra com baixo nível estético, pois, as personagens ali representadas são “vivas”, que protagonizam situações verdadeiras, relacionadas às mais diversas temáticas.

Independente do contexto em que estamos situados, fica-nos claro assim, que em um mundo que é regido por diversas relações de poder, tanto economicamente, quanto socialmente, tende a ser sempre mais fácil para pessoas desafortunadas seguirem suas escolhas em perspectivas culturais de grupos dominantes, caso contrário, serão humilhadas e estereotipadas. Tal afirmativa é ratificada ao se perceber o que vem ocorrendo ao longo da História com milhares de povos em toda Terra.

Os posicionamentos em relação às culturas alheias são realizados, muitas vezes, por ignorância, uma vez que as pessoas nem ao menos buscam pesquisar e conhecer o objeto que parece lhes provocar repulsa e, conseqüentemente, repassam mentiras que ficam impregnadas no subconsciente da sociedade de uma maneira geral, principalmente em se tratando de países africanos. Isto porque as pessoas têm curiosidade, na mesma medida que já têm seus posicionamentos e verdades estabelecidas sobre o povo daquele continente, seu modo de viver, e toda a sua realidade cultural e social, certamente, seus palpites é que sejam um povo sofredor. Assim como relata a personagem Ifemelu, que na ida em uma das reuniões da Associação de estudantes Africanos (na universidade em que estuda nos EUA), escuta relatos de estudantes nigerianos, ugandeses, ganeses, tanasianos, sul-africanos, dentre outros, em que os mesmos mencionam o quanto era rotineiro ouvirem afirmações como: “É tão triste que as pessoas vivam com menos de um dólar por dia na África”, bem como a seguinte pergunta: “Tem muita aids no seu país?”. (ADICHIE, 2012, p.152).

Certamente, afirmações como essa não surgiram do imediatismo do diálogo ocorrido entre os americanos e os imigrantes africanos, pelo contrário, é o resultado de anos ignorando a importância de se buscar uma perspectiva inclusiva em relação ao continente africano,

levando em consideração que o mesmo, ao longo da história da humanidade, esteve envolvido em episódios que marcaram e alteraram a vida da sociedade em nosso planeta. Sempre que possível é importante pontuar que os povos africanos estiveram entre as primeiras instituições gregárias das sociedades humanas, seus exércitos participaram de importantes batalhas, como a guerra púnica, travada entre Cartago e Roma, que contou com as estratégias do líder Cartaginês Aníbal, que mesmo perdendo a guerra ficou conhecido historicamente por sua inteligência. (AVELAR,2009).

Ainda assim, na sociedade marcada pelos avanços tecnológicos, modernismo e estudos avançados, o olhar que é direcionado ao continente africano, continua estereotipado.

Quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global de estilos, lugares e imagens, pelas viagens internacionais, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, mais as identidades se tornam desvinculadas-desalojadas de tempos, lugares, histórias e tradições específicos e parecem “flutuar livremente”. (HALL, 2006, p.74)

As mídias tendem a distorcer os fatos, de acordo com os interesses dos grupos econômicos que a controlam, ou seja, os países menos influentes no cenário econômico, são considerados subdesenvolvidos, sendo mostradas pelo mundo imagens negativas em relação a seus costumes, tradições e identidades, é o que acontece com a maioria dos países africanos. No entanto, quando se trata de uma potência econômica, como os Estados Unidos da América, a mudança nas representações é evidenciada como o “lugar dos sonhos”, o progresso é garantido. Dificilmente circulam discursos que menosprezem a cultura e tradição norte-americana. Por isso, a surpresa da personagem protagonista Ifemelu, que sai de seu país certa de que irá para os Estados Unidos que vê estampado nos *outdoors* e termina se deparando com uma realidade totalmente diferente. Ela descreve as paisagens da seguinte forma: “A Filadélfia tinha o odor embolorado da história. New Haven cheirava a abandono. Baltimore cheirava a salmoura. O Brooklyn, a lixo esquentado pelo sol”. (ADICHIE, 2012, p.9).

A obra de Adichie nos leva a refletir sobre o fato de que existem muitos equívocos, ou melhor, uma idealização em relação à vida nos Estados Unidos, por parte dos imigrantes, inclusive os de origem africana, que sonham com uma estada naquele país para conquistarem êxito em suas vidas profissionais, quiçá pessoais; quando, na verdade, ele comporta grandes índices de desigualdades sociais, sobretudo para os afro-norte-americanos, que fazem parte do contingente mais pobre da população, sendo expostas aos atrasos escolares, menores perspectivas de vida, e a marginalização.

Há um espaço ainda mais abjeto-um espaço abaixo do fundo. Nele caem (ou melhor, são empurradas) as pessoas que têm negado o direito de reivindicar uma identidade distinta da classificação atribuída e imposta. Pessoas cuja

súplica não será aceita e cujos protestos não serão ouvidos, ainda que pleiteiem a anulação do veredicto. São as pessoas recentemente denominadas de “subclasse”: exiladas nas profundezas além dos limites da sociedade-fora daquele conjunto no interior no qual as identidades (e assim o direito a um lugar legítimo na totalidade) podem ser reivindicada e, uma vez reivindicadas, supostamente respeitadas. (BAUMAN, 2005, p. 45).

Através do diálogo promovido por Ifemelu no romance *Americanah*, Adichie nos leva a perceber que os afro-americanos são a subclasse daquele país, ocupando os cargos de menor status social, morando nos locais mais afastados dos centros comerciais valorizados e são, em sua maioria, mais pobres que os brancos e também negligenciados por eles.

3. UMA PERSONAGEM MULTIFACETADA

A partir de Candido (2000) e Brait (1985), estudaremos com um pouco mais de atenção a personagem Ifemelu, protagonista do romance *Americanah* (2014), por ser uma personagem instigante, dado ao seu carisma, aguçando a curiosidade e, por vezes, estranhamento no leitor. A heroína é marcada por traços característicos de nossa contemporaneidade; é forte, corajosa e luta por sua independência. Ifem, migrou da Nigéria para os Estados Unidos da América em busca de formação acadêmica e não para fugir da pobreza, muito embora fosse vítima do caos político instaurado no seu país. Nesse sentido, a narrativa surpreende o leitor, com uma quebra de expectativa em relação ao imaginário sobre os países do continente africano, considerando-se que a protagonista migrou não como fuga de sua realidade, mas, para melhorar a sua formação profissional.

Segundo Brait (1985), as personagens podem surgir com diferentes nomeações dependendo do lugar que lhes é atribuído dentro do texto: protagonista e antagonista, sendo que o enredo está fortemente ligado às ações que ocorrem em torno desses dois personagens. A personagem do romance em questão se adequa ao que nos apresenta Brait (1985, p.41) ao afirmar que as “personagens redondas: são personagens complexas que apresentam várias qualidades ou tendências, são dinâmicas e multifacetadas”.

Essa ideia é aqui defendida porque ao analisarmos o perfil de Ifemelu, no romance em estudo, percebemos que ela desempenha vários papéis na narrativa, conduzindo a ação e fazendo um jogo de forças consigo mesma. Contudo, em nenhum momento, ela se rende diante dos obstáculos, embora se entristeça com algumas situações que precisa enfrentar. Enquanto protagonista, desperta diferentes emoções no leitor, de modo bastante especial quando assume o papel de antagonista, mostrando-se uma humana cheia de defeitos, dentre os quais: falsa moralista, já que em vários momentos ela mostra desprezar a vida que a tia leva, mas não perde uma oportunidade de aproveitar o luxo proporcionado pelas escolhas de tia Oju. Ou ainda como a mulher que trai o namorado apaixonado e disposto a lutar contra o mundo para ficar ao lado dela.

Sabemos que personagens como Ifemelu não correspondem, exatamente, às pessoas do mundo real; mas, elas não deixam de representar o cotidiano por meio de suas ações verossímeis. É que por mais que a personagem seja inventada, essa criação mantém vínculos com a realidade matriz, seja a realidade individual do romancista, seja a do mundo que o cerca (CANDIDO, 2000, p.52). A relação de verossimilhança é inerente a essa obra, pois a

personagem se depara com conflitos internos, que também são próprios ao plano real. Isso comprova que a escritora Chimamanda Adichie não está alheia à realidade; pelo contrário, além de trazer para a ficção fatos do cotidiano, ela também obedece a uma norma básica da ficção: a verossimilhança.

O romance *Americanah* é narrado em terceira pessoa, mostrando a personagem Ifemelu em um primeiro plano, protagonista de uma história que se desenvolve a partir da relação, por vezes, confusa entre ela e seu "eu", o que torna a narrativa semelhante a um diário íntimo. No decorrer da história, vai sendo contado tudo aquilo que o narrador personagem julga decisivo na vida da protagonista. Tal fato, nos leva à afirmação de Brait (1985), quando assegura que o narrador é uma câmera, observa tudo ao seu redor:

O espaço habitado pela personagem, uma cela absolutamente escura, que se abre de tempos em tempos para um pátio onde prisioneiros banham-se e lavam suas roupas, é violado apenas pelo poder dessa câmera capaz de descortinar, progressivamente, as formas que vão materializando a personagem. (BRAIT, 1985, p.53).

Na narrativa, Ifemelu, uma jovem estudante nigeriana, foi de Lagos para viver nos Estados Unidos da América. Embora ela gostasse de sua cidade, as greves das universidades influenciaram em sua decisão de sair de sua terra. No entanto, ao chegar à América, mas especificamente nos Estados Unidos, viveu um enorme choque cultural e percebeu que o país se diferenciava dos comerciais que propagava no exterior, compreendendo, assim, por meio de suas experiências que, no país, existia o predomínio de preconceito racial, que era ignorado pela população branca e vista por essa população como vitimismo (dos negros): "Esse negócio de raça é totalmente exagerado hoje, os negros precisam desencanar, é tudo questão de classe agora, os opressores e os oprimidos" (ADICHIE, 2014, p.10).

A partir de argumentos como esse, fica ainda mais claro para Ifemelu, o motivo de ainda existir ali uma segregação mascarada, pois desde o início de sua estada nos Estados Unidos, ela observou um fato que julgou emblemático: enquanto as pessoas brancas que utilizavam o metrô, na maioria das vezes, desciam nas estações de Manhattan, onde ficavam localizados prédios luxuosos, as pessoas negras e as gordas quase sempre desciam no Brooklyn.

A personagem, de início, não percebia aquelas pessoas como gordas, mas, como grandes. Porém, com a vivência na cidade e entrando em contato com as amigas que estavam ali há mais tempo, percebeu que ser gordo também era motivo para sofrer preconceito ali. "Nos Estados Unidos, gordo era uma palavra horrível carregada de preconceito, assim como idiota ou cretino" (ADICHIE, 2014, p.12). Isso pode ser observado no diálogo em que Ginika, amiga

de Ifemelu, relata o quanto sofreu no início de sua estada nos Estados Unidos, por ter um corpo com mais curvas e para ser aceita teve que se render à chamada ditadura da magreza:

Sabia que eu comecei a perder peso desde que vim para cá? Cheguei perto até da anorexia. Os meninos da minha escola me chamavam de porca. Você sabe como, na Nigéria, quando alguém comenta que perdeu peso é uma coisa ruim? Aqui, se alguém diz que você perdeu peso, é preciso agradecer. (ADICHIE, 2014, p.135).

Mais adiante, em suas observações e tentativas de conseguir trabalho para se sustentar, a protagonista percebe que há ainda uma desvalorização do trabalho das mulheres negras e, que se estas forem de outro país, a situação mostrava-se ainda mais grave, sobretudo, quando eram africanas. Muitas pessoas, -algumas delas, inclusive, africanas-, não percebiam a África, como um continente e sim como um país, demonstrando uma visão estereotipada.

A protagonista é uma jovem que defende a sua independência, a liberdade de expressão, enquanto mulher e, assim, vai de encontro aos que não levam em consideração o seu posicionamento diante das circunstâncias, em que seu comportamento seria, por assim, dizer, não aceitável. Nesse sentido, Nascimento (2008) assevera que a mulher considerada normal seria aquela, naturalmente, inferior física e mentalmente, emotiva e facilmente ludibriada. Entendemos que a personagem desse romance desconstrói essa ideia.

Desde o início de sua permanência nos Estados Unidos, a personagem revela a sua complexidade ao demonstrar respeito por suas raízes, buscando locais que tinham salões de beleza, especializados em fazer tranças, mostrando que aceitava e preservava sua identidade. No entanto, observando o local e algumas pessoas que ali trabalhavam, sentia um certo prazer em saber que levava uma vida muito diferente das delas, tendo em vista que morava em um local privilegiado e luxuoso nos Estados Unidos e, ao revelar tais informações acerca de sua vida, sentiu-se orgulhosa ao perceber a admiração dos outros, como da também africana Aisha: “Naquele raro momento em que a mulher pareceu intimidada, Ifemelu sentiu um prazer perverso. Sim, o tipo de lugar que, para Aisha, só poderia existir na imaginação [...]” (ADICHIE, 2014, p.24).

Embora em muitos momentos tenha recorrido às mentiras para conseguir respeito e admiração, Ifemelu uma grande dose de sofrimento ao chegar ao novo país, enfrentando diversos problemas, além de conviver com preconceito racial e choque cultural e permissão para trabalhar. Através das relações que estabeleceu com outras personagens, percebemos o quanto as vozes das mulheres continuam sendo “silenciadas”. Cabe, aqui, ressaltar o episódio com a mãe do Obinze que, -mesmo sendo uma professora universitária-, ao denunciar um colega professor, foi agredida pelo mesmo, uma vez que ele considerou que se tratava de um

insulto, uma denúncia vinda de uma mulher; assim, ela foi punida com o afastamento de suas atividades laborais.

Para a protagonista, o que lhe marcou foi o fato de que as pessoas, ao tomarem conhecimento do episódio, não se indignaram pelo fato de uma mulher ter sido agredida por um homem, tampouco pela injustiça sofrida por ela, já que ao denunciar o crime foi duplamente castigada; o que era inaceitável, para as pessoas, era o fato de ela, enquanto viúva, ter passado por tal situação. Subtende-se, dessa forma, que se o estado civil dela fosse qualquer outro, solteira, casada, a violência sofrida seria algo normal, assim também o fato de a denúncia não ter valor algum por partir de uma mulher.

Tal reflexão, remete-nos à Candido (2000):

A ficção é um lugar ontológico privilegiado: lugar em que o homem pode viver e contemplar, através de personagens variadas a plenitude da sua condição, e em que se torna transparente a si mesmo; lugar em que, transformando-se imaginariamente no outro, vivendo outros papéis e destacando-se de si mesmo, verifica, realiza e vive a sua condição fundamental de ser autoconsciente e livre, capaz de desdobrar-se, distanciar-se de si mesmo e de objetivar a sua própria situação. (CANDIDO, 2000, p. 38)

Na narrativa, a protagonista menciona ainda que as pessoas de Lagos, tinham receio de usar a própria língua nativa e quando saíam do país, então, tornava-se inaceitável inseri-las em seus cotidianos. Essa negação inquieta a personagem Ifemelu que não entende a razão de as pessoas quererem se afastar de suas raízes a todo custo. Ifemelu percebe ainda que partir da Nigéria para outros países, principalmente para os Estados Unidos, tornava as pessoas populares, elas cultivavam expectativas em relação à vida no exterior, pensavam que era igual aos comerciais.

Embora, Ifemelu fosse estudiosa, com um acurado senso de humor, sendo inclusive uma pessoa muito crítica, ela se mostrava fascinada pela riqueza da tia, o luxo da moradia onde esta habitava e até mesmo com os empregados dela. A protagonista era dona de uma concepção moralista (mesmo que não enunciasse oralmente), ela julgava negativamente a sua tia, visto que sua boa condição financeira provinha do fato de ela ser amante de um homem casado, chegando até mesmo a ter um filho que não tinha o sobrenome do pai no registro de nascimento. Ela não concordava também com a postura submissa da tia, que se anulava para agradar o amante e, assim, ficava muitas vezes o esperando sozinha em casa, em vão.

Assim como Ifemelu, seus pais também condenavam o relacionamento de tia Uju, no entanto, aceitavam dinheiro dela para ajudar a custear as despesas da casa, principalmente o aluguel. Dessa forma, o enredo do romance vai ao encontro de outro posicionamento de

Candido (2000, p. 35) ao defender que “a grande obra-de-arte literária (ficcional) é o lugar em que nos defrontamos com seres humanos de contornos definidos e definitivos, em ampla medida transparentes, vivendo situações exemplares de um modo exemplar (exemplar também no sentido negativo)”.

Também após chegar aos Estados Unidos, a protagonista percebe que tinha uma certa facilidade em cativar a classe masculina. Ela despertava o interesse dos homens e muitas vezes também os desagradava facilmente, pois retrucava sempre diante dos comentários que faziam, principalmente, quando criticavam o comportamento das mulheres. Dessa forma, o romance faz uma reflexão acerca de como as realidades e até mesmo os discursos têm que se adaptar de acordo como os lugares em que se está. Assim como os discursos, os sujeitos também tendem a passar por processos de adaptação, entrando em contato com outras realidades, foi o que aconteceu com Ifemelu, que acabou por sentir o peso das convenções, da cultura da magreza, da busca por atingir um ideal de beleza. Em outros momentos, notou o cuidado que as pessoas ao seu redor tinham ao falar sobre os negros e sua história, deixando por vezes, de enunciar o que realmente pensavam, “[...] Ademais, personagens, ao falarem, revelam-se de um modo mais completo do que as pessoas reais, mesmo quando mentem ou procuram disfarçar a sua opinião verdadeira. O próprio disfarce costuma patentear o cunho de disfarce [...]”. (CANDIDO, 2000, p.21).

Nesse romance contemporâneo, percebemos que Adichie deu ênfase a algumas faces de Ifemelu, sendo assim, escolhemos três faces da personagem para estudar: Ifemelu filha, Ifemelu mulher e amante e por fim, Ifemelu a negra afro-americana ou africana.

3.1- Ifemelu filha

A família é uma das instituições mais antigas e importantes do mundo; muito provavelmente, por essa razão, desempenha um papel fundamental na construção de identidades. Assim como outros setores da sociedade, ela passou por mudanças; e, em cada nação, ela tem suas peculiaridades influenciadas por questões culturais, econômicas e sociais. Entretanto, um dos modelos mais comuns em sociedades distintas é o modelo patriarcal, que defende a soberania do homem em relação à mulher e aos bens da família que, portanto, devem ser mantidos e preservados.

No que concerne à obra *Americanah*, percebemos o quanto a hegemonia dos homens se faz presente na sociedade nigeriana. Embora um dos modelos masculinos ali representados (o

pai de Ifemelu) não o represente com eficácia, haja vista que a maioria dos problemas da casa são resolvidos pela esposa. Percebemos ainda o quanto as aparências importam, sobretudo quando visam a evitar a emasculação da imagem do homem, principalmente por não ser o provedor da família. Isso em todos os sentidos: seja na tomada de decisões importantes, como no que diz respeito às questões econômicas que, por vezes, o deixa envergonhado. A obra nos suscita a rever velhos estereótipos, que põem em discussão a capacidade de liderança das mulheres, nos fazendo repensar em diversos ditados como: “lugar de mulher é pilotando fogão”, só para citar um dos mais comuns em nossa sociedade.

É importante destacar que a família está exposta a diferentes paradigmas; por um lado, valores arcaicos em relação ao lugar que deve ser ocupado na sociedade, por outro lado, a mulher moderna que trabalha e tem uma vida social que ultrapassa os muros de sua casa. Todavia, mesmo assim, não tem a liberdade que necessita para fazer suas próprias escolhas, pois os pensamentos dos outros, ainda continuam determinando suas ações.

É no seio familiar que as relações se solidificam, entretanto, para que isso aconteça é necessário que, na convivência sejam cultivados valores que posteriormente suscitarão respeito, reciprocidade, admiração. No romance em estudo, o cenário não é propício para que isso aconteça.

As faces da personagem são construídas a partir de suas experiências cotidianas e ela vai assim adquirindo uma personalidade forte, que não aceita como verdade tudo o que lhe é dito. Um comportamento que cultiva desde pequena, pois logo cedo percebe que a mulher também pode ocupar um lugar de destaque nas decisões familiares, bem como, conseqüentemente, na sociedade.

Ressalte-se que o comportamento dos meninos é quase sempre utilizado como parâmetro de comparação em relação às mulheres, o que faz com que acostumem a serem menosprezadas, tornando-se, em algumas vezes, pessoas inseguras. Assim, como outras atitudes são evidenciadas no romance em questão, por exemplo, o quanto é característico do ser humano, traçar planos para a vida do outro, especialmente, para os filhos. E esses ideais mudam de acordo com o gênero dos indivíduos, restando às mulheres, se acostumarem que por mais estudo e conhecimento que tenham, devem evitar se posicionarem de maneira assumidamente agressiva em relação a certos temas. Pois isso, é uma atitude reservada para homens e, caso protagonizem tal cena, se tornarão certamente uma vergonha para a família e conseqüentemente isso implicará em seu futuro.

Em *Americanah*, Ifemelu, “Cresceu à sombra do cabelo de sua mãe” (ADICHIE, 2012, p. 49), fato que a levou a perceber o quanto as relações em sua casa tinham por principal

representante e articuladora a própria matriarca. Quando se trata da mulher, a persistência de estereótipos é uma realidade, espera-se sempre que sejam meigas, dóceis, atenciosas e amorosa. Essas qualidades constituem-se em exigências, de um modo especial, para aquelas que são casadas que, por vezes, são agredidas para “aprenderem” a se comportar de acordo com as necessidades dos maridos, quando fogem a esse padrão. Nesse viés, o papel que a mãe de Ifemelu desempenha, no romance, destoa dessa concepção de mulher, tendo em vista que a mesma não tratava apenas de aspectos domésticos, tendo uma carreira profissional, inclusive arcando sozinha com as despesas da casa por um período. Também era mimada pelo companheiro, que buscava atender às suas expectativas, ou seja, fazer com que ela sentisse orgulho dele.

Nesse sentido, o leitor é surpreendido mais uma vez pelo enredo da obra, por mostrar uma concepção de família distante do que se espera, um pai cujas principais características são a ausência de traços de liderança, de agressividade ou de dominação.

As palavras da mulher o machucavam com facilidade demais, sua atenção estava sempre nela, seus ouvidos permaneciam esperando a sua voz, os olhos constantemente pousados nela. Não fazia muito tempo antes de ser demitido, ele havia dito a Ifemelu:” Quando eu for promovido, comprarei para a sua mãe algo memorável de fato”. Ifemelu tinha perguntado o que seria, e ele sorriu e disse, num tom de mistério: será revelado em breve. (ADICHIE, 2012, p. 55,56)

Muitos países são representados em todo o mundo a partir das situações que impõem ao seu povo, principalmente as mulheres que lá vivem. Países africanos como África do Sul, Quênia, Nigéria, dentre outros, são conhecidos em todo o mundo por episódios que envolvem a violação dos direitos humanos. A ONU (Organização das Nações Unidas), vem travando uma luta, nos últimos anos, a fim de conscientizar a população mundial a se posicionar e combater práticas como a mutilação genital de mulheres/meninas, a violência sexual, privação da educação. Episódios em que as vítimas são na grande maioria dos casos as mulheres e os algozes, os homens, principalmente homens da família: maridos, filhos etc.

As relações passam por diferentes fases, podendo surgir alguns conflitos quando os indivíduos envolvidos discordam das palavras ou das ações do outro. Durante a leitura do romance, percebemos que Ifemelu e seu pai não protagonizaram nenhuma briga, porém, mesmo assim, ela tem uma visão negativa dele, visão essa que atinge proporções maiores a partir do momento em que ele fica desempregado e começa a passar mais tempo em casa em um sofá, ao invés de ir procurar um novo emprego.

Quando adulta, ao viver um relacionamento extraconjugal, se afasta mais uma vez do modelo de filha idealizado por seu pai, que nunca aceitou bem o fato de mulheres ocupando o lugar de amante na vida dos homens casados, sobretudo, sendo elas de sua família, assim como pensava de sua própria irmã, Uju. Certamente, por isso, Ifemelu ao voltar para Nigéria, em momento algum menciona o término de seu relacionamento com Blaine, deixando assim margem para que a sua família pense que, em algum momento, eles estarão juntos novamente, seja ali, ou nos Estados Unidos.

Sendo assim, seu comportamento deixa claro que por mais que ela não tenha um relacionamento tão afetivo com o pai, continua levando em consideração sua forma de pensar acerca de mulheres amantes, desta forma tentar mascarar a situação que protagoniza, ao manter vínculos amorosos com um homem casado, pois se sua família soubesse certamente sentiriam vergonha.

A mãe de Ifemelu principalmente, por ser uma mulher que sempre priorizou as aparências, seja no levante à família ou a religião, sempre foi uma de suas maiores preocupações, mesmo quando o relacionamento com a filha e o marido arruinava-se aos poucos, ela recusava-se a deixar que as pessoas percebessem.

Evidentemente, as múltiplas faces da protagonista não estão centradas na Ifem filha, simplesmente; mesmo que levemos em consideração que essa face se amplie em diversas outras: a filha rebelde, a amável, aquela que respeita os pais, etc. Contudo, nos empenhamos em observar outras obliquidades da personagem, mais distantes da filha, o que comprova que ela é portadora de personagens maleáveis, como nos sinaliza Bauman (2014). Dentre elas, destacamos a Ifem mulher e amante, conforme discutiremos na sequência.

3.2- Ifemelu mulher e amante

Esta visão de mundo sobre a personagem tem relação estreita com a liberdade sexual das mulheres, que ainda hoje é considerada um tabu em muitos espaços em todo o mundo, incomodando pessoas de classes sociais distintas e, também, agastando pessoas do mesmo gênero. As mulheres que buscam se expressar livremente, seja sexualmente ou em relação aos seus valores, posicionamentos e maneiras de enxergar o mundo, ainda enfrentam preconceitos múltiplos, dentre os quais, pode-se destacar o machista, posto que busca, de certa forma, amordaçar as vozes femininas.

Dessa forma, ter uma personalidade forte, discordar de alguns posicionamentos masculinos ou buscar a independência são atitudes que causam rejeição dos homens com

frequência. Isso é, marcadamente, percebido na obra em estudo; a exemplo disso, identificamos a opinião de “personalidade forte”, na ótica dos colegas da universidade, a respeito da protagonista: “Ifemelu é linda, mas dá trabalho demais. Sabe discutir. Sabe falar. Nunca concorda com ninguém.” (ADICHIE, 2014, p.69).

Se ampliarmos essa visão de mundo, naturalmente, chegaremos à autora do romance e todo o seu engajamento em busca da paridade entre os sexos. É importante lembrar que ainda hoje, há pessoas que levantam bandeiras contra a igualdade entre homens e mulheres, argumentando que as mulheres não devem participar de conversas muito sérias, como política, economia, ou que afirmam que elas devem ocupar um lugar decorativo ao lado dos maridos, como se vê no exemplo atual no Brasil e nos EUA. Portanto, deve-se asseverar que embora o mundo tenha mudado bastante, no que se refere à população masculina em relação à feminina e seus papéis na sociedade, parece que ainda assistimos a alguns episódios de História da Idade Média (MALLET; ISAAC, 1994).

Cite-se, como amostra desse comportamento o sexo como um assunto, quase sempre, proibido sobretudo para moças jovens, pois espera-se que elas se encaminhem para o matrimônio, reprimindo assim os desejos que têm em relação aos rapazes. Nesse sentido, Ifem manifesta-se como uma mulher-humana, com desejos, -embora reprimidos-, mas, capaz de confessar para si mesma o que pensa sobre o personagem Odein:

Odein tinha lábios grossos e perfeitos, o inferior do mesmo tamanho que o superior, lábios que eram ao mesmo tempo sonhadores e sensuais. Conforme ele falava- “se os estudantes não se unirem, ninguém vai nos escutar”, Ifemelu se imaginava beijando-o da maneira como se imaginava fazendo algo que sabia que jamais faria”. (ADICHIE, 2014, p.101).

Entende-se que os desejos contidos ou reprimidos podem também ser fruto do olhar de uma sociedade que julga conforme seus próprios valores em que, muitas vezes, a hipocrisia é o principal combustível para esse ajuizamento. Acostumar-se a conviver com os julgamentos da sociedade é o que resta a muitas mulheres, pois, mesmo com o passar dos séculos, o corpo feminino e o masculino suscitam intensas discussões, em que perdura a concepção de homem como provedor e a mulher como dependente dele. Sob essa ótica, a mulher deve ser aquela que é “bela e do lar”, sendo, portanto, aquela que “serve”, atendendo aos instintos fisiológicos masculinos. Destaque-se, entretanto, que na nossa ótica, trata-se de uma visão ultrapassada de ver o mundo, pois às mulheres não cabem apenas as funções domésticas como preparar a comida, cuidar dos filhos e satisfazer o marido. Toda mulher é capaz de dirigir nações, representando-as na política ou em qualquer outro setor da vida.

Perceber a mulher, unicamente, como “bela e do lar” é um posicionamento que coisifica

o do corpo feminino, além de estabelecer padrões e uma conseqüente depreciação da mulher, resulta em danos para a sua autoestima. No excerto a seguir, podemos observar tal comportamento em parte de uma conversa entre Ifemelu e o, então, namorado Curt. Nesse diálogo, ela brinca sobre o espanto que os familiares dele teriam ao vê-lo casar-se com ela: “E Ifemelu, em troca brincava que ia entrar em uma igreja na Virgínia ao som da marcha nupcial enquanto os parentes dele olhassem horrorizados e se perguntassem aos sussurros, por que a criada estava com o vestido da noiva”. (ADICHIE, 2012, p.217). Evidentemente, não queremos julgar menosprezando o papel de criada, mas, não se pode fechar os olhos para o fato de que em uma escala social, o criado nunca está no mesmo patamar do patrão; é por esse prisma que vemos esse excerto. Ora, se na pirâmide social, o criado é subalternizado, isso sinaliza que Ifemelu entende que ser mulher negra em uma sociedade de ricos só pode ocupar o papel de criada, não devendo casar com o patrão.

Ademais, a obra nos coloca diante de uma outra realidade, os estereótipos que circundam as mulheres não estão ligados somente à aparência, no qual evidentemente considera-se como ideal, as mulheres brancas, cabelos lisos ou levemente ondulados, magras, esperando-se também que pertençam à mesma classe socioeconômica do parceiro.

Nesse sentido, através de *Americanah*, percebemos nas ações de Ifemelu, o reconhecimento de que o relacionamento dela com Curt é inaceitável pela família dele, (principalmente a mãe), assim como pela sociedade que não compreende o que um homem branco, bonito e rico faz ao lado de uma mulher negra.

As mulheres negras, por vezes, tornam-se vítimas de um imaginário que enfatiza os símbolos sexuais, aqueles homens e mulheres com irresistíveis corpos perfeitos dentro de um padrão de beleza ditado pela sociedade. Ou, simplesmente, porque data desde a escravidão no Brasil que a mulher negra deve “servir” o branco, da mesa à cama. Perspectivas como essas vêm servindo para explicar, ao longo da História, os estupros sobre os corpos de negras em praticamente todo o mundo. Note-se que no caso das mulheres negras e pobres, essas mais do que outras, têm sido silenciadas, enfrentando pelo menos três problemas: raça, classe e gênero.

Sendo assim, existem -na maioria dos casos- inquietações quando surgem mulheres e homens negros bem-sucedidos, seja no que concerne ao nível pessoal, ou no profissional; isso porque, em um senso comum, espera-se, que as mulheres aceitem facilmente ser ludibriadas, que não sejam exigentes e, principalmente, que simplesmente amigas, confidentes e amantes de seus companheiros. É necessário dizer que não é só com a mulher negra; no caso do homem negro, o que se assiste nas mídias, de uma maneira geral, é a presença de um estigma que sempre o apresenta como marginal ou de outras formas negativas.

Na narrativa de Adichie (2014), percebemos então a discussão que se estabelece acerca do relacionamento inter-racial, levando o leitor a perceber, em muitas circunstâncias, os problemas ganhando espaço na vida do casal. Isso se observa também porque, mesmo ambos tendo a liberdade de discutir a questão da raça e o seu papel na sociedade, uma pessoa que nunca teve sua cor de pele ou de cabelo discriminados, dificilmente compreenderá a dor de quem passou por tal situação. Esse breve panorama é descrito a seguir, em uma outra conversa entre Ifemelu e Curt, em um episódio em que ele não se conforma com o fato de ela ter alisado os cabelos para conseguir o emprego: “Por que você tem que fazer isso? Seu cabelo era lindo trançado. E aquela vez, quando você tirou as tranças e deixou meio natural? Ficou ainda mais lindo, tão cheio e incrível” (ADICHIE, 2012, p. 222).

Entretanto, já no relacionamento intra-racial afro, tanto Ifem, quanto Blaine compreendem o que é ser negro, e os principais problemas que enfrentam decorre do convívio e das causas que defendem que, ou podem fortalecer o relacionamento, ou provocar desgastes na relação. Isso acontece entre Ifemelu e Blaine, um professor universitário, negro, que ela havia conhecido em uma viagem, que por ser muito perfeccionista e engajado em causas sociais, acabavam por divergir no relacionamento. No entanto, quando se tratava de raça eles se uniam sem reservas, como no episódio em que Ifem e Blaine torciam veementemente pela vitória de Barack Obama, pois isso representava simbolicamente o fim de uma era de segregação entre brancos e negros, e mostrava que estes tinham inteligência e capacidade para ocupar o cargo mais importante e cobiçado do mundo:

No dia em que Barack Obama se tornou o candidato do partido democrata, Ifemelu e Blaine fizeram amor pela primeira vez em semanas, e Obama estava ali com eles, como uma prece sem palavras, uma terceira presença emocional. Ela e Blaine passaram horas no carro para ouvi-lo discursar e ficaram de mãos dadas em meio a uma enorme multidão, erguendo cartazes com *Mudança* escrito em grandes letras brancas. Um homem negro que estava ali carregava o filho nos ombros e o menino estava rindo, cheio de dentes de leite, um buraquinho na fileira de cima. O pai estava olhando para cima e Ifemelu soube que estava atônito com a sua própria fé, atônito por se flagrar acreditando em coisas que jamais acreditaria. (ADICHIE, 2012, p.385,386)

Enquanto mulher, Ifemelu se coloca como militante de uma causa ainda menosprezada, rechaçada por muitos, historicamente falando. Através dos textos que compartilha em seu blog ela se torna famosa, conseguindo ser reconhecida como uma voz marcante quando se trata do preconceito racial, de forma provocante discutia os desafios que os negros enfrentavam diariamente, como por exemplo, procurar um emprego nos Estados Unidos, situação, que de acordo com a protagonista era “a principal maneira nacional de decidir que é racista”.

(ADICHIE,2012, p.340), ela diz ainda na postagem em questão que as pessoas têm a ideia errada sobre indivíduos preconceituosos, eles não são criaturas estranhas, são pessoas normais:

Esta é a questão a maneira como o racismo se manifesta mudou, mas a linguagem não. Então se você nunca linchou alguém não pode ser chamado de racista. Se não for um monstro sugador de sangue não pode ser chamado de racista. Alguém tem de poder dizer que racistas não são monstros. São pessoas com famílias que as amam, pessoas normais que pagam impostos. Alguém tem de ter a função de decidir quem é racista e quem não é. Ou talvez esteja na hora de esquecer a palavra “racista”. Encontrar uma nova. Como Síndrome do Distúrbio Racial. E podemos ter categorias diferentes para quem sofre dessa síndrome: leve, mediana e aguda. (ADICHIE, 2012, p.341)

O Racetenth, também abordava temas mais amenos, inclusive Ifemelu dava dicas de beleza, de como cuidar de cabelos afros, dentre outras.

Entretanto, por mais que Ifemelu tenha se tornado uma mulher independente, inteligente, realizada profissionalmente, ela cresceu em um ambiente em que lhe foi ensinado que o casamento deve ser priorizado e aspirado pelas mulheres, que por sua vez devem se comportar bem, serem discretas. A mãe de Ifemelu, se preocupava ao ver o tempo passar e sua filha ainda estar solteira, por isso dizia que a mulher é como uma flor, seu tempo passa rápido, então é bom ter cuidado.

Essas questões intrínsecas a essa obra, dialogam com um outro livro de Adichie, intitulado *Para educar crianças feministas -um manifesto* (2017), quando a autora diz:

Condicionamos as meninas a aspirarem ao matrimônio e não fazemos o mesmo com os meninos, assim, de partida, já há, um desequilíbrio tremendo. As meninas vão crescer preocupadas com casamento. Os meninos vão crescer e se tornar homens que não são preocupados com o casamento. As mulheres vão se casar com esses homens. A relação é automaticamente desigual porque a instituição tem mais importância para um lado do que para o outro (ADICHIE, 2017, p.40).

Através da relação de Ifemelu com sua mãe, bem como os discursos que a matriarca profere para a filha, e de alguns episódios do romance em que as duas são focalizadas, percebemos o quanto as influências familiares, sobretudo pai e mãe contribuem para a internalização de preceitos e preconceitos.

Mesmo Ifemelu sendo uma mulher moderna, com ideias fortes, em alguns momentos mostra-se frustrada por não fazer parte de uma família oficial, ou seja, não é reconhecida socialmente como esposa do seu amado, tendo que viver um relacionamento oculto.

Outra discussão que é fomentada ao longa da narrativa, que diz respeito à Ifem mulher, é a traição e o rompimento dos valores morais, fato que em primeira instância é, geralmente,

associado ao comportamento masculino, devido à liberdade que eles desfrutam desde cedo, assim como a aceitação desse comportamento, mesmo sendo inapropriado. Porém, Ifemelu além de características marcantes como força de vontade, coragem, também é notadamente egoísta; e, com facilidade, exclui familiares e amigos de seu convívio. Observando-a por esse viés, encontra-se a mulher-amante, aquela que é capaz de trair tanto o amável namorado, Curt, quanto manter uma relação extraconjugal com o namorado da juventude, mesmo consciente de que ele tinha esposa e filha.

Ainda nos EUA, essa mulher, Ifemelu, se estabelece como militante de uma causa ainda bastante repelida por muitos: o racismo. Através dos textos que ela publica em seu blog, torna-se famosa, conseguindo ser reconhecida como uma voz marcante quando se trata do preconceito racial. Tais postagens buscavam instigar discussões, revelando comportamentos dos brancos americanos em relação aos negros daquele país. Em suas publicações, a protagonista discutia os desafios que os negros enfrentavam, diariamente, como por exemplo, procurar um emprego nos Estados Unidos, expondo uma situação que, de acordo com a protagonista, era “a principal maneira nacional de decidir ‘quem é racista’”. (ADICHIE, 2014, p.340), ela diz ainda na postagem em questão que as pessoas têm a ideia errada sobre indivíduos preconceituosos, eles não são criaturas estranhas, são pessoas normais:

[...] Esta é a questão a maneira como o racismo se manifesta mudou, mas a linguagem não. Então se você nunca linchou alguém não pode ser chamado de racista. Se não for um monstro sugador de sangue não pode ser chamado de racista. Alguém tem de poder dizer que racistas não são monstros. São pessoas com famílias que as amam, pessoas normais que pagam impostos. Alguém tem de ter a função de decidir quem é racista e quem não é. Ou talvez esteja na hora de esquecer a palavra “racista”. Encontrar uma nova. Como Síndrome do Distúrbio Racial. E podemos ter categorias diferentes para quem sofre dessa síndrome: leve, mediana e aguda. (ADICHIE, 2012, p.341)

O *Racetenth* também abordava temas mais amenos, inclusive Ifemelu dava dicas de beleza, de como cuidar de cabelos afros, dentre outras. Entretanto, por mais que ela tivesse se tornado uma mulher independente, inteligente, realizada profissionalmente, não se pode esquecer que ela cresceu em um ambiente em que lhe foi ensinado que o casamento deve ser priorizado e almejado pelas mulheres que, por sua vez, devem se comportar bem, sendo discretas. A mãe de Ifemelu, por exemplo, preocupava-se ao ver o tempo passar e sua filha ainda estar solteira, por isso dizia que a mulher é como uma flor, seu tempo passa rápido, então é bom ter cuidado.

Essas questões intrínsecas a essa obra, dialogam com um outro livro de Adichie, intitulado *Para educar crianças feministas -um manifesto* (2017), quando a autora diz:

Condicionamos as meninas a aspirarem ao matrimônio e não fazemos o mesmo com os meninos, assim, de partida, já há, um desequilíbrio tremendo. As meninas vão crescer preocupadas com casamento. Os meninos vão crescer e se tornar homens que não são preocupados com o casamento. As mulheres vão se casar com esses homens. A relação é automaticamente desigual porque a instituição tem mais importância para um lado do que para o outro (ADICHIE, 2017, p.40).

Através da relação de Ifemelu com sua mãe, bem como dos seus posicionamentos em relação à filha, assim como de alguns episódios em que as duas são focalizadas, percebemos o quanto as influências familiares, sobretudo pai e mãe contribuem para a internalização de preceitos e preconceitos. Ressalte-se isso, pois, mesmo Ifemelu sendo uma mulher moderna, com ideias fortes, em diversas ocasiões, mostra-se frustrada por ser tão somente a amante de Obinze, sem ser reconhecida socialmente como esposa do seu amado.

3.3- Ifemelu, a negra afro-americana ou africana

Os negros norte-americanos têm um passado marcado por humilhações, abusos e intensas lutas, na busca pelo respeito aos seus direitos. Ao adentrarmos um pouco na história, é notório que a população branca, principalmente os europeus, cultivaram uma tradição de conquistas de vastos territórios no período das grandes navegações. Muitas dessas conquistas ocorreram no continente africano por meio da força, sendo assim, extraídas riquezas e, posteriormente, acontecendo o que viria a ser conhecido historicamente como o maior tráfico de seres humanos da história.

As consequências de ter seu povo escravizado persistem até hoje. Nos Estados Unidos o passado de segregação dos negros não está muito distante, embora as leis que proibiam as relações interpessoais entre negros e brancos tenham sido abolidas há algumas décadas, a necessidade de culpar os negros em primeira instância sempre que algo ruim acontece continua sendo uma realidade naquele país.

O ano de 2016 foi marcado por lutas da população afro-americana contra o chamado padrão racista da polícia norte americana, que teve como estopim a morte de um garoto negro que portava uma arma de brinquedo em um parque num bairro pobre. (EL PAIS, 2017). Desta forma, discussões em torno da postura dos policiais em se tratando de suspeitos negros foram ganhando notoriedade, pois segundo relatórios de todas as pessoas mortas por ações policiais, a taxa de vítimas negras é o triplo daquele em que os brancos são as vítimas.

Tamanha violência, certamente, tem causado graves problemas psicológicos entre os jovens e tem feito muitos deles engajarem-se em questões de afirmação identitária e saírem em defesa de seu povo. Os negros afro-americanos tentam, de todas as formas ser, o que as pessoas chamam de “normais” e durante essa busca de aprovação procuram ser conhecidos como os mais simpáticos, descolados. No entanto, viver sob o escrutínio de todos e não poder cometer erros, não se adaptar aos lugares que frequentam não é fácil.

Já os negros africanos como a própria personagem Ifemelu, enfrentam outros problemas tendo em vista sua situação de diáspora; muito provavelmente por essa razão, precisam se preocupar, principalmente, com o desemprego e com a falta de dinheiro, resultando na necessidade de constante autoafirmação. Nessa busca pela autoafirmação, é notório que os negros, em sua maioria, procuram relacionamentos com pessoas brancas, ou negros com a pele mais clara, para venham a ser menos estigmatizados.

Ifemelu percebeu que, nos Estados Unidos, mesmo que alguns negros possuam conforto financeiro, ainda assim são vistos com certa suspeição, pois o lugar do negro está sempre ligado à subalternidade, logo, as pessoas costumam acreditar que eles possam ocupar o lugar de patrões. Nos EUA, um negro pobre é diferente de um branco pobre, a condição econômica os iguala, mas a tonalidade da pele, faz com as pessoas brancas e pobres se sintam superiores aos negros pobres:

Ainda nos EUA, em relação aos negros africanos, há um impasse entre eles e os afro-americanos que tendem se verem como superiores por serem americanos, (pensamento peculiar às pessoas de classe média alta); pois, para eles, todos os africanos eram oriundos da miséria, sendo já habituados às mazelas de seus países. Nesse sentido, parecem não enxergar que o seu país também tem muito o que melhorar, pois são responsáveis por altos índices de marginalidade, falta de emprego, preconceito racial dentre muitas outras mazelas sociais próprias do mundo contemporâneo.

O preconceito racial foi sentido, pela personagem em vários momentos ao longo de sua estada no país. Em alguns momentos, ela teve que renunciar de forma arbitrária, à sua própria identidade para conseguir um emprego, como no episódio do alisamento dos cabelos. Em um senso comum, um cabelo afro não causaria uma boa impressão, haja vista que as pessoas julgam primeiro a aparência e depois o currículo e, essa primeira, por vezes, tem mais importância:

Meu cabelo cheio e incrível ia dar certo se eu estivesse fazendo uma entrevista para uma banda de jazz, mas preciso parecer profissional nessa entrevista, e profissional quer dizer liso, mas se for encaracolado, que seja um cabelo encaracolado de gente branca, cachos suaves, ou na pior das hipóteses,

cachinhos espirais, mas nunca um crespo. (ADICHIE, 2014, p.222).

No romance, é abordada ainda a desvalorização do trabalho das mulheres negras africanas, que tinham péssimas condições de trabalho e conviviam ainda com certos estereótipos que os brancos tentam ajustar a elas, que sejam fortes fisicamente, pobres e marginais.

A partir desse reconhecimento de si mesma como negra e vivendo um relacionamento com um branco, rico e que a amava, Ifemelu percebe ainda que o relacionamento entre brancos e negros não é um problema enquanto estão sozinhos, dentro de suas casas. Contudo, a partir do momento em que saem do ambiente íntimo, as pessoas não compreendem o motivo de um belo homem branco ter escolhido uma negra para um relacionamento íntimo.

Eu sou de um país onde a raça não é um problema, eu não pensava em mim mesma como negra e só me tornei negra quando vim para os Estados Unidos. Quando você é negro nos Estados Unidos e se apaixona por uma pessoa branca, a raça não importa quando vocês estão juntos sem mais ninguém por perto, porque então é só você e seu amor. Mas no minuto em que põe o pé na rua, a raça importa. Mas nós não falamos sobre isso. Nem falamos como nosso namorado branco sobre isso sobre as pequenas coisas que nos irritam e as coisas que queríamos que ele entendesse melhor, pois temos medo de que ele diga que estamos exagerando ou que nos ofendemos com facilidade demais. (ADICHIE, 2014, p. 315).

A narrativa de Adichie (2014) chama a atenção para uma interessante constatação; a de que a indústria também é marcadamente dominada pelo padrão europeu branco e, por essa razão, raras vezes os produtos são destinados a homens e mulheres negros. Isso resulta, naturalmente, em público que não se sente contemplado em rubricas que apresentam dicas de beleza e de moda, beleza, tendo-se em vista que as revistas e os editoriais voltados para esse público ainda são bastante escassos.

Diante de tal realidade e com o apoio dos avanços tecnológicos, Ifemelu encontra ideias que tentar mudar um pouco essas questões. Portanto, foi com esse fim que a protagonista criou o blog *Racetenth* (observações sobre negros americanos antigamente conhecidos como crioulos), um espaço gerido por uma negra não americana. O referido blog era alimentado a partir de fatos cotidianos que ela vivenciava, ou descobria através de conversas, de discussões acerca desses preconceitos e, então, ela emitia sua opinião e tecia suas críticas de forma inteligente, bem humorada e ao mesmo tempo corrosiva.

A partir do blog a personagem transforma positivamente a sua vida no que se refere às questões profissionais e econômicas e suscita intensos debates acerca das questões raciais. “O racismo gira em torno das aparências” (ADICHIE, 2014, p. 366) e ele não poupa ninguém, nem

crianças, nem jovens, nem mesmo idosos, pois esses são tratados com a mesma crueldade, por vezes, são percebidos como a escória da sociedade.

Ao Analisar essas faces da personagem Ifemelu, aproximamo-nos ainda mais de Brait (1985), no sentido que devemos nos manter atentos ao fato de que não é possível conhecer as nuances de uma personagem de uma hora para outra:

A criação de um personagem pode ser descrita como sendo o abandono de todas as certezas. No princípio o personagem se apresenta fragmentado na minha imaginação. Conheço muito pouco dele: um tique, um comportamento particular perante um acontecimento, uma postura do corpo, um olhar, um sentimento predominante, uma visão fugaz etc. Dificilmente ele se apresenta inteiro, coerente e completo. (BRAIT, 1985, p.73)

Por mais que Ifemelu passe a imagem de personagem forte, ela é também uma mulher que se sente intimidada por sua condição social, o que implicará nas suas relações pessoais. Por exemplo, em determinados momentos, Ifem acredita que nunca ter uma casa igual à da amiga pode ser um importante argumento para que ela não escolha ficar ao lado do namorado, Obinze:

Ifemelu soltou a mão de Obinze enquanto voltavam para a aula. Sempre que se sentia assim, o pânico a cortava a menor provocação e eventos banais se tornavam presságio da destruição. Daquela vez, Ginika foi o gatilho; ela estava parada ao lado da escada com a mochila no ombro e o rosto dourado pelos raios do sol e, subitamente, Ifemelu se deu conta do quanto ela e Obinze tinham em comum. A casa de um andar de Ginika na universidade de Lagos, um lugar tranquilo com um jardim coroadado por sebes de buganvílias, talvez fosse como a casa de Obinze em Nsukka, e ela imaginou Obinze percebendo que Ginika combinava muito mais com ele, e então aquela alegria, aquela coisa frágil e cintilante, que havia entre eles dois, desaparecia. (ADICHIE, 2014, p. 77)

A intimidação da personagem ocorre, igualmente, enquanto imigrante, estudante negra, vinda de um país africano, já que as pessoas tinham estereótipos em relação a Ifemelu, mesmo antes de conhecê-la. Ao adentrar na universidade estudinense, foi colocada diante de pessoas que pensavam que ela era incapaz de compreender o inglês que falavam. Por isso, dirigiam-se a ela de forma cuidadosa, falando de maneira pausada; um comportamento que por diversas vezes, entristeceu a personagem, pois falava inglês fluentemente, participando de discussões, debates utilizando o idioma em questão, desde que era criança: “(...) Ifemelu entendeu que a menina estava falando desse jeito por causa dela, de seu sotaque, e durante um instante sentiu-se como uma criança pequena, de braços e pernas moles, babando. (ADICHIE, 2014, p 147). O desconhecimento de que a língua inglesa está presente em diversos países africanos parece ser um fato comum não somente no Brasil, mas, mesmo em países que têm o inglês como língua

materna, pois a ignorância bem como a falta de interesse em pesquisar assuntos relacionados à África permance na maioria dos casos, muitos preferem criar verdades sobre a mesma, tal fato acontece certamente devido a um passado de escravidão, assim como afirma Costa (2016,p.97), ao se referir a sociedade e cultura americana que criou estereótipos negativos que impregnam até hoje o olhar singular, de inferioridade dirigido à África.

Esse medo de ser rejeitada, esse amedrontamento, seguramente, fez com que a personagem, enquanto mulher moderna, com maleabilidade, buscasse aperfeiçoar seu sotaque, para assim ser aceita com mais facilidade pelas pessoas nos Estados Unidos, embora após algum tempo utilizando-se de tal estratégia, ela tenha decidido dar um fim a tal prática e falar normalmente, sem afetações ou fingimentos, obedecendo a sua própria identidade:

Ifemelu decidiu parar de fingir que tinha o sotaque americano num dia ensolarado de julho, o mesmo dia em que conheceu Blaine. Era um sotaque convincente. Ela o aperfeiçoara, ouvindo com cuidado amigos e apresentadores de noticiário, a contração do tê, o enrolado profundo do erre, as frases começando com “então” e a resposta fácil, “é mesmo?”, mas o sotaque tinha rachaduras, era consciente, precisava ser lembrado. Exigia um esforço os lábios retorcidos, o roteio da língua. Se Ifemelu estivesse em pânico, apavorada, ou fosse acordada de supetão no meio de um incêndio, não ia lembrar como produzir aqueles sons americanos. (ADICHIE, 2014, p.189).

Percebemos, então, que a personagem vive conflitos que trazem à tona as opiniões de outras pessoas, além de ideias distorcidas sobre os africanos, assim como pessoas que não enxergam Ifemelu como boa profissional, enquanto ela não tira as tranças ou alisa os cabelos crespos. Por essa ótica, mais uma vez, o romance deixa evidente seu caráter contemporâneo, ao abordar em uma obra, numerosos conflitos, em que através de um personagem são discutidas questões sociais, físicas, morais; nesse sentido, também nos fica claro, que a personagem pertence ao grupo dos personagens chamados de redondos, pois os personagens redondos

[...] são mais complexos que os planos, isto é, apresentam uma variedade maior de características que, por sua vez, podem ser classificadas em: - físicas: incluem corpo, voz, gestos, roupas; - psicológicas: referem-se a personalidade e aos estados de espírito; - sociais: indicam classe social, profissão, atividades sociais; - ideológicas: referem-se ao modo de pensar do personagem, sua filosofia de vida, suas opções políticas, sua religião; - morais: implicam em julgamento, isto é, em dizer se o personagem é bom ou mau, se é honesto ou desonesto, se é moral ou imoral, de acordo com um determinado ponto de vista. (GANCHO, 2002, p. 18).

O leitor, por sua vez, será também responsável pelo julgamento de valor direcionado ao personagem, pois vale salientar que as nossas impressões sobre uma obra, ou acerca da análise de personagens, nem sempre estão de comum acordo com as intenções do autor. Enquanto personagem redonda, não conseguimos adjetivar Ifemelu, pois ela assume diferentes papéis ao

longo da narrativa, há momentos em que ela é moralista: “[...] Durante a semana, tia Oju ia correndo para casa para tomar um banho e esperar o general, ela ficava descansando de camisola, lendo, cozinhando ou vendo televisão, porque ele ficava em Abuja com a mulher e os filhos[...]” (ADICHIE, 2014, p.83). Em outros momentos é adúltera: “Você é casado e tem uma filha, e nós sentimos tesão um pelo outro. A quem vamos enganar com esses encontros castos? É melhor acabar com isso logo.” (ADICHIE, 2014, p.479). Vamos assim ao encontro à afirmação de Gancho (2002, p.20): “Ao se analisar um personagem redondo, deve-se considerar o fato de que ele muda no decorrer da história e que a mera adjetivação, isto é, dizer se é solitário, ou alegre, ou pobre, as vezes não dá conta de caracterizar o personagem”.

Considerando outro elemento importante em uma narrativa, a marcação do tempo no romance em questão cumpre um importante papel, pois através dele somos apresentados a dois espaços, o primeiro, mostra a cidade de Lagos, na Nigéria, lugar em que a personagem viveu a infância e início de sua juventude, onde conheceu seu primeiro amor, momento em que observa uma das faces da protagonista. O segundo, nos Estados Unidos da América, espaço no qual ela se estabelece por quinze anos, estuda, se forma, se estabelece profissionalmente, ficando famosa através de seu blog. Esse é também o espaço em que vive outros relacionamentos amorosos, sendo, portanto, o lugar da Ifem mulher e negra africana, vindo a conhecer o peso das questões raciais, de modo especial, o preconceito que se estabelece naquele país, sendo assim o tempo é também: “a projeção dos conflitos vividos pelos personagens.” (GANCHO, 2002, p.24).

Essa relação entre o espaço, tempo e as múltiplas faces da protagonista revelam que um estudo sobre a personagem nesse romance é um elemento que dá suporte para leituras outras, sobretudo, quando se buscar o aprofundamento da face mulher negra em uma sociedade dominada pelo homem branco.

CONCLUSÃO

Construir esse trabalho tendo como base a literatura africana tornou-se uma satisfação, pois discutir temáticas que abordam o preconceito racial e questões identitárias tornou-se uma necessidade em país que insiste em discriminar a população negra, embora, neguem que o fazem.

Acreditamos assim que alcançamos o objetivo proposto nessa monografia, promover uma reflexão acerca das várias representações da vida e da história étnico racial dos negros, nesse sentido esse trabalho é relevante para aquelas pessoas que não se conformam com as várias formas de preconceito que são lançados aos afrodescendentes, e por isso, buscam através da literatura, direcionar olhares mais positivos para a história dos negros, não somente no que se refere ao Brasil, mas em todo o mundo.

Um dos pontos que foram confirmados durante a realização desse trabalho foi o quanto a sociedade insiste em situar o lugar que as mulheres devem ocupar, de modo especial quando são negras. No romance *Americanah*, tal fato apresenta-se de modo tão verossímil que é difícil, por vezes, delinear o limite entre o real e a ficção, sobretudo, quando se sabe que a história da personagem Ifemelu coincide em diversas circunstâncias com a de sua autora Adichie.

Em nossa sociedade, muito embora as coisas tenham evoluído em muitos aspectos, ainda vivemos sob o domínio de pensamentos antigos e intransigentes, revelando muitas vítimas de uma cultura marcadamente opressora, na qual há pessoas que se sentem superiores, sobrepondo-se umas às outras, que julgam inferiores. As culturas africanas não estão entre as que exercem domínio, mesmo abrangendo a maior parte das nações, já que faz parte do berço das antigas civilizações, sempre foi renegada por estar associada a um povo explorado e traficada durante séculos, por isso, visto como fraco.

Em pleno século XXI, mesmo muitas pessoas reconhecendo as raízes histórico-culturais dos africanos, o preconceito em relação aos ritos e costumes continuam sendo fortemente propagados. Abordar a temática do preconceito racial através da literatura mostrou-se um trabalho enriquecedor e emocionante, pois foi possível compreendermos um pouco mais sobre as mudanças no cenário da literatura mundial com o surgimento dos escritores ancorados no período pós colonial. A partir de então passamos a perceber o quanto ainda somos ignorantes em relação às questões identitárias e culturais quando se trata do continente africano.

Percebemos ainda o quanto é essencial uma produção literária reflexiva que coloque em

foco questões raciais, de gênero, discussões essas que, ao serem fomentadas, ajudam no processo de desconstrução de estereótipos.

Mesmo tendo influenciado muitas outras culturas no mundo todo e sendo um dos continentes mais antigos da Terra, a África teve e continua a ter sua história depreciada por outras culturas que se julgavam superiores, como as europeias, que durante o processo de colonização impuseram seus costumes, dizimando os povos que não os assimilaram. Desta forma a dicotomia colonizador e colonizado permanece impregnada no subconsciente de alguns indivíduos, dentre eles líderes de grandes economias mundiais, que ao se referirem à África, utilizam-se de um discurso piedoso, buscando formas de praticar alguma caridade e, portanto, promoverem-se como bem feitores.

O presente trabalho nos permitiu ainda refletir, a partir de Ifemelu, personagem da escritora Adichie, sobre os diferentes eus que existem em cada indivíduo na contemporaneidade, levando-nos também a perceber o quanto construímos e desconstruímos diferentes versões de nós mesmos, de acordo com o contexto, o lugar no qual estamos situados, assim como nos sinalizou Bauman (2014).

O diálogo que foi estabelecido durante o estudo do romance *Americanah* nos mostrou o quanto essas questões raciais pertencem à contemporaneidade e que potências econômicas como os Estados Unidos da América, assim como outros países no mundo, inclusive o Brasil, ainda consideram os negros como uma subclasse. Infelizmente, o Brasil, país de uma grande população negra ainda utiliza como critério de seleção para empregos ou outros tipos, a cor da pele, restando aos negros adequarem-se aos moldes que esta sociedade lhes impõe.

Essa pesquisa tornou possível ainda que percebêssemos através da análise do romance *Americanah*, que os países africanos têm muitos elementos de união com o Brasil, por exemplo, um dos principais motivos da protagonista migrar para a América não foi a pobreza de seu país; pois, ela era uma mulher de classe média, tinha suas necessidades básicas garantidas. O que motivou o seu êxodo foi a instabilidade política que não permitia que ela tivesse uma educação de qualidade, tendo em vistas as inacabáveis e longas greves dos docentes das universidades nigerianas, que aconteciam com relativa frequência.

Sendo assim, é essencial referirmo-nos aos escritores africanos da contemporaneidade, em especial os nigerianos, haja vista que as suas narrativas têm tido um papel fundamental dentro das questões contemporâneas, pois tais narrativas buscam apresentar um espaço igualitário entre negros e brancos, sem limitar o lugar dos negros à subalternidade, apenas. Contrariamente, à literatura tradicional, na contemporânea, os negros possuem papéis de protagonistas, não sendo representados, unicamente, de forma negativa; pois, enquanto pessoas

comuns, vivem dilemas característicos da maioria dos seres humanos: preocupação com futuro profissional, desilusões amorosas, traições etc.

Acreditamos que a representação dos negros e de sua cultura não é suficiente para erradicar os estereótipos que os acompanham, entretanto, já é um grande passo em direção a uma luta por afirmação de identidades que deveria ter tido início há muito tempo.

Diante de tudo isso, assinala-se a importância dessa pesquisa uma vez que, através da mesma direcionamos um olhar reflexivo acerca das relações raciais nas produções literárias contemporâneas, ressaltando a importância da construção da identidade para os diferentes indivíduos que compõem a nossa sociedade.

Para encerrar, creio ser necessário ressaltar que refletir acerca do romance *Americanah* (2014) mostrou-se um desafio gratificante, através da observação dos personagens, sobretudo da protagonista, Ifemelu, percebemos que a cada leitura e releitura, surge uma nova nuance, curiosidade; nesse sentido, certamente, analisar narrativas é uma tarefa árdua, porém gratificante.

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Sejam todos feministas..*- São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Americanah*. São Paulo, Companhia das Letras, 2014.
- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Para educar crianças feministas : um manifesto*.São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- ADICHIE, Chimamanda Ngozi Conferência proferida no âmbito do TED Disponível < <http://www.youtubecom/watch?v=wQk17RPuhW8>. Acesso em 19.02.2017
- EL PAIS. *As mortes de negros nos EUA colocam a polícia sob os holofotes*. Disponível < <http://www.Brasil.elpais.com/brasil/2015/08/09/internacional> Acesso em 29 mar 2017.
- BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- BRAGA, Amanda Batista. *História da beleza negra no Brasil: discursos, corpos e práticas*. São Carlos, EDUFSCAR, 2015.
- BRAIT, Beth. *A personagem*. São Paulo, Ática, 1985.
- BUCHI EMECHA Disponível< <http://www.litteraure.britishcouncil.org/writer>. Acesso em: 03 de abril de 2017.
- CANDIDO, Antonio. *A personagem de ficção*. 13.ed. São Paulo, Perspectiva, 2000.
- COSTA, P; PINHEIRO-MARIZ, J, *Identidade no contexto de interculturalidade diaspórico sob o prisma do romance Americanah, de Chimamanda Ngozi Adichie*, São Luís: EDUFMA, 2016
- CHINUA ACHEBE. Chinua Achebe. Disponível< www.casafrica.com.es Acesso em 03 de Abril de 2017.
- CHINUAACHEBE.ChinuaAchebe Disponível<<https://vinteculturaesociedade.wordpress.com> Acesso em: 03 de Abril de 2017.
- CURIOSIDADES RACIAIS EUA*. Disponível<<http://www.passaportebrasilusa.com> Acesso em: 02 de abril de 2017.
- GANCHO, Candida Vilares. *Como analisar narrativas*. São Paulo, Ática, 2002.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*, Rio de Janeiro: DP&A, 2014.

HELON-HABILA. Disponível < <http://www.literature.britishcouncil.org.writer> Acesso em: 03 de abril de 2017.

HISTÓRIA/BIOGRAFIAS/A/ADICHIE. Disponível < <http://www.Ikuska.com.br> Acesso em: 02 de abril de 2017.

ISAAC, Albert.; MALLETT, Jules.; *l'Histoire: Rome et le Moyen Age, L'âge classique, Les révolutions, La naissance du monde*. Paris: Broché, 1994.

LEITE, Ligia Chiappini Moraes, *O foco narrativo*, 10ª.ed. São Paulo, Ática, 2002.

NASCIMENTO, Uelba Alexandre do. *O doce veneno da noite: prostituição e cotidiano em Campina Grande (1930-1950)*. Campina Grande: EDUFPG, 2008.

NOVA GERAÇÃO DE AUTORES NIGERIANOS NARRA CONFLITOS DO PAÍS VISÃO DISTORCIDA DO OCIDENTE SOBRE ÁFRICA Disponível em: <http://www.oglobo.com/cultura/livros> Acesso em: 30 de mar/ 2017.

VELAR, Leandro. Disponível < <http://guindopassoshistoria.blogspot.com.br/2009/12/anibalbarca.html> Acesso em: 13/ 08 /2017 .